

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de. *Juscelino Kubitschek II* (depoimento, 1976). Rio de Janeiro, CPDOC, 1979. 77 p. dat.

JUSCELINO KUBITSCHEK II
(depoimento, 1976)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: história de vida
entrevistador(es): Maria Victoria de Mesquita Benevides
conferência da transcrição: Tiago Coelho Fernandes
copidesque: Lucia Hippolito
técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes
local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil
data: 01/07/1976 a 06/07/1976
duração: 3h 40min
fitas cassete: 03
páginas: 77

Entrevista realizada no contexto da pesquisa “Trajetória e desempenho das elites políticas brasileiras”, parte integrante do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC, em vigência desde sua fundação em 1975.

temas: Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, Benedito Valadares, Estado Novo (1937-1945), Europa, Gabriel Passos, Golpe de 1937, Governo Provisório (1930-1934), Governo Estadual, Gustavo Capanema, José Maria Alkmin, Juscelino Kubitschek, Medicina, Minas Gerais, Negrão de Lima, Olegário Maciel, Plano Cohen (1937), Política Estadual, Política Nacional, Revolução Constitucionalista (1932), Revolução de 1930, Sara Kubitschek

Sumário

1ª Entrevista: Diamantina; os pais; João Pinheiro em Diamantina; a dificuldade de transportes; o curso primário; o seminário; a preparação para o ginásio e os exames; a ida para Belo Horizonte; entrada na Escola de Medicina; a doença e a estada em Diamantina; o casamento; senador por Goiás; o trabalho com Júlio Soares; a carreira médica e a política; a viagem à Europa; o interesse pela literatura; a Aliança Liberal e o apoio de Minas; o hospital militar; a Revolução de 1932..... p. 1-35

2ª Entrevista: o fim da Revolução de 1932 e suas lições; Benedito Valadares; Getulio Vargas; a volta a Belo Horizonte e à clínica; Olegário Maciel; o Dezoito de Agosto; a sucessão de Olegário Maciel: Gustavo Capanema *versus* Virgílio Melo Franco; a nomeação de Benedito Valadares; Juscelino e a secretaria da interventoria; Capanema e o Ministério da Educação; Virgílio Melo Franco e Getulio Vargas; o trabalho na secretaria; a Academia Mineira de Letras; as eleições de 1934; a intentona de 1935; o Estado Novo; as lideranças estaduais e a sucessão de Getulio; Benedito Valadares e Juraci Magalhães..... p. 36-65

3ª Entrevista: Benedito Valadares e Armando de Sales Oliveira; Minas e a candidatura José Américo; José Américo e a sucessão de Benedito Valadares; a quebra da aliança Benedito–José Américo; a articulação do golpe: os ministros militares, a missão Negrão de Lima; a aprovação da Lei de Segurança Nacional; o Plano Cohen; o golpe..... p. 65-77

1ª Entrevista: 01/07/1976

M.V. – Presidente Juscelino Kubitschek, esta entrevista se inicia por um começo bem pouco original, mas gostaríamos de lembrar o que o senhor mesmo denominou em suas memórias de “experiência da humildade”.¹ Como, do menino de Diamantina, o senhor chegou a presidente da República, deixando para o Brasil esta imagem de desenvolvimento e de democracia, de progresso, uma imagem de que todos nós gostamos de lembrar?

J.K. – Você me dá uma oportunidade excepcional de deixar gravada para a posteridade alguma coisa do esforço que realizei, e do exemplo de que minha vida pode servir, para jovens que tenham ambição, mas poucas possibilidades, e que, por isso mesmo, precisem encarar com coragem, com determinação, os caminhos que deverão trilhar na vida. Se, há dois mil anos atrás, ou menos ainda, se há cem anos atrás, nós já dispuséssemos desse recurso que está agora em suas mãos, e nos tivesse sido possível gravar as palavras das grandes figuras que passaram pelo mundo, que fonte de ensinamento não seria isto para nós!

Eu aceito o seu convite com modéstia, porque o que a minha vida pode oferecer para as gerações futuras é apenas o esforço, a tenacidade com que lutei para realizar algumas das coisas que prometi a este país. Mas, como todo edifício tem um alicerce, minha vida também teve seu alicerce, que não foi nem aqui no Rio de Janeiro, nem em Belo Horizonte, mas numa cidade pequena, longínqua, no norte de Minas: Diamantina.² Minha mãe era uma mulher corajosa, disposta, brava. Meu pai era um homem muito inteligente, de temperamento boêmio e, como todos os habitantes daquela cidade, gostava de serenata.³ A maneira com que o diamantinense extravasava o seu desejo de manifestação artística era através das serenatas; não havia noite de luar sem que os grupos deslizassem pelas ruas tranqüilas, pequenas, ruas íngremes, banhadas pela luz do luar, detendo-se de porta em porta e debaixo das janelas de suas amadas, cantando as modinhas que vinham desde a fundação da cidade (com mais de 200 anos) e cujas origens ninguém conhecia.

¹ Primeiro volume das memórias de JK, *Meu Caminho para Brasília: a experiência da humildade*. Rio de Janeiro, Bloch, 1975.

² Juscelino Kubitschek nasceu em Diamantina em 12 de setembro de 1902.

³ Júlia Kubitschek e João César de Oliveira.

A cidade de Diamantina teve essa característica, como as outras cidades de Minas Gerais daquele tempo. Como viviam muito isoladas, elas procuraram bastar a si mesmas e criaram clubes literários, ginásios, ateneus, colégios e passaram a se constituir em núcleos de cultura daquelas regiões desertas de Minas Gerais. Durante quase 200 anos, oito ou nove estabelecimentos de ensino, distribuídos por Diamantina, Mariana, Ouro Preto, Serro, concentraram a cultura de Minas Gerais. De modo que todos nós que ali vivíamos, tínhamos orgulho dos diamantinenses que já haviam passado por ali, e que, saindo de Diamantina, tinham conquistado, em outros pontos do país, glória ou fama. Sobretudo a política ensejava estas oportunidades; e também a literatura.

Eu mesmo tive, na minha família, um elemento – meu tio-avô – que foi vice-governador do estado, mas ficou muito mais famoso por causa das poesias que produziu; chamava-se João Nepomuceno Kubitschek. Um de seus poemas tornou-se famoso na época. Ele estudava em São Paulo, juntamente com a plêiade de outros brasileiros muito ilustres na literatura, entre os quais o grande, o imenso Castro Alves, Bernardo de Guimarães, Aureliano Lessa e outros elementos, que cuidavam só de escrever ou de produzir versos; e como a boêmia os dominava e o espírito de Byron ainda vivia no meio deles, era à noite, sob a luz do luar, bebendo cachaça e declamando versos, que eles consideravam que estavam vivendo na boêmia e na alegria.

Meu pai tinha um temperamento destes. Em todas as festas, ele era convocado; era o homem que fazia os discursos dos aniversários, dos casamentos. Quando se casou com mamãe, que tinha um temperamento exatamente contrário ao dele – uma mulher severa, uma mulher rigorosa, filha de um alemão muito disciplinado – ela passou a constituir, dentro da família, um ponto de apoio mais sólido.

Papai, como acontecia muito naquele tempo, fazendo uma serenata numa cidadezinha próxima de Diamantina, chamada Rio Vermelho – próxima hoje, porque, naquele tempo, levava quatro dias a cavalo para chegar lá – apanhou um resfriado. O resfriado passou para uma pneumonia e, como acontecia sempre, deu origem a uma tuberculose. Papai chegou a Diamantina – nós éramos muito crianças – tendo sido carregado numa rede no ombro de dois possantes mulatos, durante quatro dias, pelas estradas que não existiam, pelos rios que não tinham pontes. Já chegou tendo, como sinal

de sua doença, a primeira hemoptise. Como ele era um homem muito cuidadoso, e tinha muito receio de que nós nos contaminássemos com sua enfermidade, alugou uma outra casa e passou a viver nela. Lá mamãe vivia quase o dia todo com ele, só vindo à noite dormir conosco. Foi aí que ele viveu durante um ano.

Há episódios na vida de papai que vale citar, para ver como ele era um espírito boêmio. Na véspera da sua morte, um dos seus grandes amigos, Elisardo Eulálio de Souza, promotor da cidade, ia-se casar e levou sua noiva para visitar papai. Lá chegando, disse: “João, eu trouxe uma garrafa de champanha para nós bebermos pelo meu casamento amanhã.” Mas, percebendo que papai já estava passando muito mal, febre alta, já nas últimas, não propôs sequer que se abrisse a garrafa. Mas papai disse: “Não, Elisardo, abra a garrafa que eu quero beber à sua saúde com uma taça de champanha.” [risos] E os três ali beberam à saúde do casamento que se realizaria no dia seguinte, quando ele já tinha falecido.

Mamãe, muito severa, muito enérgica, felizmente tomou conta da nossa educação. E papai sempre dizia: “Olhe, Júlia, estou feliz de morrer antes de você porque você tomará conta dos nossos filhos muito melhor que eu.” E mamãe se dedicou inteiramente à nossa educação. Ela era professora pública, a princípio professora particular, porque nem sequer grupo escolar Diamantina possuía naquele tempo. Eram escolas particulares, onde cada aluno pagava o que podia. Imagine só o que não seria a dificuldade de uma professora! E como mamãe não podia ter empregada, ela nos levava para a escola e nós ficávamos, eu e minha irmã – eu só tinha uma irmã; ela se chamava Naná e eu tinha o apelido de Nonô: éramos Naná e Nonô [risos].⁴ Ficávamos na escola, sentados no chão, o dia inteiro, porque ela dava dois turnos de aulas, das sete às 11 horas e de meio-dia às quatro. Nós ficávamos sentados no chão da sala, assistindo ao trabalho dela. Quando terminava, íamos para casa, almoçávamos e voltávamos. À tarde, ela nos levava, tínhamos o nosso pequeno jantar e, à noite, ela nos acomodava na cama.

Mais tarde, João Pinheiro,⁵ presidente de Minas, passa por Diamantina, em demanda de Serro, que era sua cidade natal. Serro era a cidade à qual Diamantina pertenceu; chamava-se Vila do Príncipe. Muito rica em ouro e diamante, foi muito próspera; mas,

⁴ Maria da Conceição Kubitschek tornar-se-ia, mais tarde, senhora Júlio Soares.

depois que a mineração esgotou, o Serro entrou numa pobreza terrível, e até hoje não conseguiu recuperar-se inteiramente.

Mas João Pinheiro, que era um político de muito renome naquele tempo, presidente de Minas, já com o nome indicado para presidente da República – o que teria sido, se uma enfermidade rápida não o matasse antes de terminar o mandato de governador – indo para o Serro, passou em Diamantina, e mamãe o recebeu. Teve um trabalho insano, coitada, porque teve que uniformizar todos os alunos da sua escola por conta própria. É claro que ela não tinha dinheiro para isso, mas foi ao comércio, pediu doações de fazenda e conseguiu fardar todos os alunos. No dia da recepção a João Pinheiro, lá estava mamãe com a sua meninada toda, bem apresentada, um fato de grande importância e significação para ela.

Foi a primeira vez que eu tive a sensação de contato com uma pessoa importante. Eu era muito pequeno, mas vi aquele reboiço enorme, com um governador de estado chegando a cavalo em Diamantina (não havia outro meio de condução naquela época) e um tio meu abrindo a garrafa de champanha, o estampido da garrafa de champanha; achei aquilo de uma importância considerável.[risos] E João Pinheiro, ali na sala de visitas, prometeu que fundaria o primeiro grupo escolar de Diamantina. Efetivamente, ele cumpriu a palavra, e criou o primeiro grupo escolar. Isso foi em 1908; eu tinha seis anos de idade.

M.V. – É isso que eu estava pensando; o senhor era um molequinho.

J.K. – É; seis anos. Mamãe foi a primeira professora nomeada para o grupo escolar. Aí a situação melhorou, porque passou primeiro a receber todo fim de mês o dinheirinho certo, não era aquele dinheirinho picado de cada aluno; passou a receber do estado, e já era um ordenadinho melhor. A nossa situação, portanto, melhorou um pouquinho: ela alugou uma casinha melhor e nós passamos a ter um quarto mais confortável. As aulas já eram dadas num prédio alugado pelo Estado.

⁵ João Pinheiro foi presidente de Minas Gerais de 1906 a 1908, quando faleceu.

A aspiração do povo de Diamantina era ter estrada de ferro. Vivia-se muito isolado naquele tempo. Para ir a Belo Horizonte – não havia Belo Horizonte, era um arraial, não tinha nenhuma significação...

M.V. – Aliás, era sobre isso que eu gostaria de falar com o senhor, presidente. Desde o início, o senhor está lembrando vários fatos da sua vida, da infância, mostrando a dificuldade de transporte. O senhor citou agora que uma viagem levava tantos dias, o governador que chegou a cavalo, as distâncias, a estrada íngreme pela qual passou seu pai; tudo isso. Fico imaginando de que maneira isso deve ter marcado no senhor desde pequeno esse ímpeto de desbravar, o desejo de desenvolvimento através da construção de estradas, comunicações. Isso, digamos, é uma constante no seu discurso.

J.K. – A semente do meu programa de governo do estado já estava nascendo ali em Diamantina, pois o meu programa era o binômio *energia e transportes*.⁶ Transporte estava nascendo ali, porque realmente era uma coisa tremenda, a falta total de transportes. Nas viagens que faziam, os viajantes se reuniam em grupos, eram verdadeiras caravanas, saíam a cavalo, levando cozinheiro, isso tudo. Viajavam durante o dia e à tarde, acampavam geralmente à beira de um regato, e ali montavam um tripé com a caçarola, o feijão. O feijão cozinhava a noite inteira para, no dia seguinte, eles terem o feijão para o almoço e para o jantar. Devia ser até uma coisa agradável, mas era para uma vida em que não havia nenhum dinamismo, porque, numa viagem de Diamantina ao Rio de Janeiro, levava-se um mês. Havia até a tradição de se fazer testamento, porque, na Mantiqueira, eram famosos os assaltos; eles até diziam que havia um monge que chefiava um grupo de assaltantes na Mantiqueira. Havia receios, por isso é que viajavam geralmente em caravanas.

Quando mamãe se instalou melhor lá nessa casa, ela tirou o prêmio como professora. Esse foi o primeiro acontecimento que eu guardo da minha infância. Aquela que tirava um prêmio, tinha uma viagem gratuita a Belo Horizonte. Naquele tempo, Belo Horizonte tinha dez ou doze anos de idade. A cidade foi inaugurada em 1897, e esse

⁶ Programa do governo JK em Minas Gerais, 1950-55.

episódio que eu estou contando ocorreu mais ou menos em 1910. Mamãe foi a Belo Horizonte, foi um acontecimento na cidade toda, a viagem dela, a volta...

M.V. – A professora que vai a Belo Horizonte...

J.K. – Viajava a cavalo até quase Belo Horizonte, viajava de trem apenas umas horas, porque o mais, eram dois ou três dias a cavalo. Esse foi, de fato, o episódio mais interessante. No mais, vivíamos a vida de Diamantina; depois ela voltou e nós continuamos nossa vida.

Saí de Diamantina com 20 anos de idade.

M.V. – Mas, presidente, voltando ainda à sua infância, com todas essas dificuldades econômicas, eu fico pensando como isso influenciou a visão de mundo que o senhor teria, do menino pobre, quais as possibilidades que são abertas. Como o senhor veria isso, hoje em dia?

J.K. – Meu curso primário teve uma significação especial para mim, porque eu fiz com minha própria mãe. Naquele tempo, as professoras apanhavam uma turma no primeiro ano e seguiam com ela até o quarto ano. Assim, mamãe foi mãe e mestra; ela fez todo o curso primário comigo. E me obrigava a ser o aluno exemplar; eu tinha que estudar mais do que os outros; tinha que ter nota melhor do que os outros.

M.V. – Ser mais bem comportado, provavelmente.

J.K. – Comportamento melhor do que os outros. E eu agradeço a Deus, porque o primeiro alicerce sendo bem feito, facilita posteriormente as construções que se fazem em cima disto. Eu saí com o curso primário muito bem feito mesmo, estudava de fato, porque

mamãe obrigava, e eu também já sentia. Comecei a observar a cidade de Diamantina, os meus amigos, os companheiros, e me perguntei o seguinte: “O que eu vou fazer aqui nessa cidade?” Eu não tinha um tostão – naquele tempo era tostão – porque mamãe não tinha condições de me dar; não podia ir a um cinema, a uma festa...

M.V. – Comprar livros...

J.K. – Não podia comprar livros, não podia comprar sapatos! Andava descalço, tudo isso. Então eu pensava: “Tenho que trabalhar.” Comecei com a idéia de trabalhar, e procurei, primeiro, uma casa de comércio. Eram casas que vendiam toucinho, farinha, carne de porco; oferecia-me para trabalhar no balcão; recusavam. Menino e tal, filho de professora; ficam achando que é até importante ser filho de professora lá pelo interior.

Fui assim durante um ano e tanto, até chegar à seguinte conclusão: “Não há possibilidade de eu conseguir uma colocação aqui em Diamantina. Bem, então eu tenho que estudar, mas estudar como, meu Deus?! Aqui não há um professor, não há nada.” Havia um seminário em Diamantina, mas o seminário se destinava a preparar os jovens para serem padres. Eu, então, falei com mamãe: “Vamos procurar o superior do seminário de Diamantina” – que era um padre francês – “para ver se a senhora arranja um abatimento com ele.” Coitada, eu tinha pena dela, porque ela não tinha recursos, mas era incapaz de me negar qualquer coisa.

Mamãe foi comigo. Subimos a rua de São Francisco; era uma ladeira íngreme, onde nós morávamos, no meio da ladeira; subimos até lá o Largo do Curral – como se chamava – e fomos ao seminário.

M.V. – Mas o senhor tinha certeza de que não era vocação religiosa, era determinação de estudar mesmo?

J.K. – Sim. Chegamos lá, mamãe virou para o padre e disse: “Olhe, padre Péroneille”⁷ – era um francês – “eu vim pedir um favor ao senhor. Tenho o meu filho e a minha filha, que estão grandes” – a diferença era de um ano de idade – “e preciso educar os dois. Os meus vencimentos são insuficientes para nos mantermos; eu não posso pagar. O senhor não podia arranjar para o meu filho estudar aqui?” E o padre: “Se ele quiser ser padre, pode estudar de graça.” Aí eu disse: “Não. Sinceramente, não desejo ser padre. Eu quero estudar, quero ser doutor, médico.” Ele disse: “Então, tem que pagar.” E acertou com mamãe uma mensalidade mais modesta.

Assim, eu voltei para casa já combinado para me internar no seminário. Foi um dia de vitória para mim esse; dormi feliz. A gente tinha que preparar, porque todos lá tinham que usar batina: batina, sobrepeliz, barretes, todas aquelas roupas de padre, afinal. Mas mamãe preparou aquilo tudo para mim; chamava as amigas, elas ajudavam. Quando eu fiz o enxoval, entrei para o seminário.

Aqueles corredores enormes, aqueles salões muito grandes; era uma coisa triste, mas eu achava alegre o ambiente do seminário, porque eu estava estudando...

M.V. – Era determinação.

J.K. – E eu me debruçava mesmo no livro. Quando entrei, tinha 12 anos de idade. Com 15 saí do seminário. Já saí um homem meio sábio, porque eu já tinha estudado português, latim, matemática, geografia, história, etc.

Mas quando saí: “E agora, o que vou fazer?” Começou para mim a fase entre 15 e 18 anos; foi a fase mais afirmativa e a mais difícil, porque eu via os meus colegas que tinham recursos saindo para ir para Belo Horizonte estudar, e eu ficava numa depressão, ficava na fossa – como se diz hoje – porque eu não podia sair. E o que eu tinha aprendido no seminário não tinha nenhuma importância cá para fora, porque é o seguinte: eu não podia freqüentar ginásio, baseado naquilo que tinha feito lá e, naquele tempo, os exames

⁷ Padre Vicente Péroneille.

chamavam-se exames parcelados; a gente poderia fazer quatro exames por ano, mas só a partir dos 18 anos; até essa idade não se podia.

Então, entre 15 e 18 anos, pensei: “O que vou fazer?” Tornei a insistir para ver se arranjava emprego; não consegui. Então, um dia, falei com mamãe: “Vi que não há possibilidade de eu me colocar aqui em Diamantina, e tenho que estudar. Quando eu tiver uma chance, saio daqui, mas tenho que sair preparado, sem o que não terei nenhuma chance lá fora.”

Às seis horas da manhã, eu me levantava e sentava na minha mesinha. Meu quarto ainda está lá, tem 2 x 2,5 m; um cubículo, com uma janelinha e uma mesinha que a minha irmã (era muito jeitosa, muito boazinha, um amor de criatura) fez para mim. Pegou um caixote, botou quatro pezinhos, e era naquela mesinha que eu punha os meus livros. Sentava às seis horas da manhã e levantava à nove horas da noite, almoçava e jantava e voltava. Passei a mão num programa do Colégio Pedro II que, naquele tempo, era o ginásio oficial do Brasil e comecei a me preparar. Em Minas Gerais só tinha um ginásio, em Belo Horizonte. Era um atraso terrível. E, para fazer os exames parcelados, eu teria que ir para Belo Horizonte, mas só quando atingisse 18 anos. Pegava o programa do Pedro II, por exemplo, português, francês, inglês, geografia, história, história natural, química, física, aquela coisa toda do primeiro programa. Era autodidata, porque não tinha professores, era comigo mesmo; era muito mais difícil, é claro, mas eu me debruçava ali no livro. Línguas, era na base do dicionário.

M.V. – E, principalmente essas matérias, d. Júlia não sabia.

J.K. – Não; não sabia. Ela ia até o curso primário. Mas, quando eu tinha cerca de 17 anos, um médico que morava perto de minha casa – era Mata Machado que tinha sido deputado⁸ – era diretor dos Correios, uma figura muito importante da cidade. Eu até nem tinha liberdade com ele, mas vivia falando com os filhos dele, dizendo que gostaria de arranjar um emprego e não tinha jeito. Então ele trouxe um jornal e me mostrou a abertura de um

⁸ Álvaro Mata Machado (1835-1925)

concurso para o telégrafo, em Belo Horizonte. Minha imaginação se incendiou: “Se eu fizer esse concurso e arranjar um emprego, estou salvo.” Fui para mamãe e mostrei o jornal. Ela perguntou: “Mas você está preparado, meu filho?” Respondi: “Mamãe, eu estou preparado para fazer esse concurso, e coisa muito superior a isso. Há três anos que eu não faço outra coisa a não ser estudar. Eu preciso é do dinheiro.” Ela disse: “Mas não há dinheiro.”

Afinal, havia um amigo dela, que morava num distrito que se chamava Gouveia, e tinha uma fábrica de tecido. Eu disse: “A senhora vai pedir emprestado a esse seu amigo 200 cruzeiros, e eu mesmo vou dar um jeito de pagar, depois.” Mamãe escreveu uma carta para ele, dizendo que seria formidável se ele pudesse emprestar um dinheiro para eu fazer o concurso. Esse homem também se chamava Juscelino, mas ele assinava com “o”, Joscelino. Emprestou os 200 cruzeiros.

M.V. – Foram os 200 cruzeiros que levaram o senhor para a presidência da República, não é? [risos]

J.K. – Para a presidência da República, não há dúvida.

Fui para Belo Horizonte. Eu tinha dois primos que moravam lá; eles tinham alugado uma casa muito modesta, lá na Floresta, um bairro da cidade. Eu ficava dormindo lá numa saleta, dormia no chão mesmo. Eu não podia pagar uma pensão, porque aquele dinheiro era só para pagar uma passagem de segunda classe, a inscrição no concurso e a locomoção na cidade naqueles dias. Fiquei um mês em Belo Horizonte.

Fiz o concurso numa emoção, uma coisa terrível, porque se eu perdesse aquele concurso, estava morto, quer dizer, apagavam-se todas as minhas esperanças. Mas o que aconteceu foi o seguinte: fiz o concurso e voltei para Diamantina. Eram 300 e tantos candidatos, e eu pensei: “Meu Deus, como vai ser isso?” E fiquei em Diamantina esperando o resultado do concurso. Nada. Aí eu falei: “Tenho que começar a fazer os primeiros exames preparatórios.” Falei com minha mãe: “Mamãe, tenho que voltar a Belo Horizonte, para fazer os primeiros exames parcelados. Como é que a senhora vai dar um jeito nisso para mim?” Ela respondeu: “Não sei.”

Coitada de mamãe; tinha um cordão de ouro, que tinha sido da mãe dela, ao qual nós não dávamos valor algum. Eu perguntei: “Mamãe, quem sabe se esse cordão vale alguma coisa?” Ela falou: “Pegue o cordão, vá lá no ourives” – chamava-se Cosme, era um português – “e pergunte a ele se vale alguma coisa, se ele quer comprar.” Fui lá e ele disse: “Eu posso dar 180 mil-réis.” Eu achei uma fortuna. [risos]

Vendi o cordãozinho e voltei para Belo Horizonte. Fiz os meus primeiros exames: francês, inglês... Tirei oito nas duas, tendo estudado sozinho. Eu mesmo fiquei admirado, com aquela rapaziada toda ali estudando, aqueles sujeitos importantes que eu tratava com respeito, e eu tirando notas melhores do que eles. Aí comecei a adquirir um pouco de confiança, porque sempre fui um homem tímido, nunca fui vaidoso. Mamãe sempre dizia: “Jogue sempre com uma carta de menos.” E eu soube jogar. [risos]

M. V. – Que é isso de jogar com uma carta de menos? É esperar sempre menos?

J.K. – É ser modesto, não ficar se gabando entendeu? Mamãe me botou muito boas coisas na cabeça.

Voltei para Diamantina e fiquei lá ainda um ano estudando sozinho, geografia, história universal, história do Brasil, e geometria. Quando chegou a época de eu prestar os exames, já nem se falava mais no concurso, já se passara um ano e meio, e pensei até que tinham anulado o concurso. Eu não estava sabendo como é que ia ser, mas raciocinava: “Se eu fizer os preparatórios, terei na mão uma documentação formidável.” Voltei a Belo Horizonte, fiz os exames e fui aprovado.

Quando eu tinha que voltar para Diamantina, pensei: “Meu Deus, para estudar o que eu tenho que estudar agora, em Diamantina é impossível – história natural, física, química e geometria – como é que eu vou estudar isso em Diamantina? Não é possível, eu tenho que ter professores.” Escrevi para mamãe, e ela passou a me mandar 40 mil réis, para Belo Horizonte.

Arranjei uma pensão de 40 mil réis, você já imaginou o que são 40 mil réis? Era uma pensãozinha, um cubículo, no porão de uma casa. Eu me tranquei naquele cubículo e

debrucei. Em maio, dois anos depois, chegou o resultado do concurso. Dos 300 e tantos eu tinha sido classificado em 19º lugar. Fui logo à repartição, para saber se, com aquela classificação, eu seria aproveitado. Eles me disseram: “Será aproveitado imediatamente, porque há mais de 30 vagas.”

Era meu companheiro, nessa época, Alkmin,⁹ que fez exame junto comigo e, coisa curiosa, eu fui nomeado para Belo Horizonte e ele foi nomeado para Porto Alegre. Isso atrapalhou um pouco a vida dele, porque perdeu um ano. Foi para lá, muito frio, muita dificuldade, o ordenado baixo... Em Belo Horizonte, onde estávamos acostumados, a gente vivia; mas numa outra cidade...

M.V. – Estranha...

J.K. – Estranha, já era mais difícil, não é? Mas, nomeado para o telégrafo, tive os elementos fundamentais para continuar minha vida.

Terminei os preparatórios. Eram 12 exames, divididos em três séries: português, francês, inglês, latim; aritmética, álgebra, geometria, geografia, história universal, história do Brasil; história natural, física e química. Quando me vi com aqueles 12 certificados na mão, foi a época em que me senti mais feliz na minha vida. Fui para a Escola de Medicina, inscrevi-me para fazer o vestibular, fui aprovado e recebi então o grande título: acadêmico. [risos]

M.V. – O senhor ainda está perseguindo esse título não é ? [risos]

J.K. – Foi o título que eles me negaram agora.¹⁰[risos]

⁹ José Maria de Alkmin, mais tarde ministro da Fazenda de Juscelino Kubitschek (1956-1957) e vice-presidente de Castelo Branco (1964-1967).

¹⁰ JK refere-se à eleição para a Academia Brasileira de Letras, quando perdeu por um voto (1975).

Continuei em Belo Horizonte fazendo o curso. Estudava muito, trabalhava à noite, porque tinha que trabalhar de meia-noite às seis horas da manhã, para ter os dias disponíveis para freqüentar a escola.

M.V. – Foi o senhor mesmo quem escolheu o turno para poder estudar?

J.K. – Sim; porque eu tinha que freqüentar o hospital de manhã, tinha que freqüentar as aulas e precisava ter o dia disponível. Mas vivia cabeceando de sono. A idade de 18 anos é uma idade muito séria para ter sono, não é? Quanto mais jovem, mais sono.

M.V – Sono e fome, não é? [risos]

J.K. – É; vivia atormentado com aquele sono, mas estudando, estudando ininterruptamente. Quando, afinal, no quarto ano, eu tive um gripe muito forte, procurei um médico, e ele me disse que eu estava com uns estertores no pulmão. Naquele tempo não havia radiografia, era exame de escarro, e lá fui fazer exame de escarro. Pensei: “Meu pai morreu tuberculoso, será que eu vou também...?” Aquela agonia de vários dias, até clarear o negócio: exame negativo. Mas o médico me disse: “O senhor está muito fraco” – era um grande clínico de Belo Horizonte, o dr. Balena – “o senhor tem que tirar seis meses e ficar em repouso completo.” Aí eu tirei uma licença de seis meses no telégrafo, e fui para Diamantina.

Eu não ia a Diamantina há muito tempo. Nesses quatro ou cinco anos de ausência, tinha estado lá duas vezes durante dois dias. Mamãe e minha irmã me receberam como se eu fosse Júlio César entrando em Roma, vindo da Gália. [risos] Foi uma coisa triunfal para mim. Minha irmã Naná, coitada, mobiliou a casa toda. Ela mesma fazia mobília com caixote, com tábua; arrumou tudo direitinho e cobriu com uns panos coloridos, uma coisa comovedora. Mamãe falou: “Olhe, Nonô, isso tudo foi Naná quem fez para você.”

Passei lá seis meses. Foram seis meses deliciosos, porque minha irmã era uma moça muito inteligente, lia muito, muito culta.

M.V. – Naquela época ela já estava noiva?

J.K. – Ela tinha ficado noiva, mas tinha desmanchado o noivado.

Quando voltei para Belo Horizonte, depois desses seis meses, arranjei um jeito de ela vir a Belo Horizonte visitar-me. Ficou na mesma pensão que eu; teve uma cólica hepática muito forte, ficou completamente ictérica, amarelinha. E havia lá um rapaz, que estava no 6º ano de medicina, Júlio Soares. Eu o chamei para tratar dela, e os dois acabaram casando-se. Ele era um homem extraordinário, admirável, um dos maiores médicos de Minas. Além de médico, era um caráter admirável; foi o irmão, o pai, o amigo, que eu tive na vida.

M.V. – Ele teve influência nas suas escolhas políticas, não foi? Mais tarde.

J.K. – É; era formidável.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.K. – Num dia em que eu me encontrava doente, ele foi à minha pensão, agarrou-me quase à força, colocou-me no seu carro e me levou para sua casa, onde vivi durante muitos anos durante o 5º ano de medicina, o 6º ano e, depois de formado, até o meu casamento.

Essa modificação em minha vida trouxe algumas alterações benéficas, porque passei a viver num ambiente de família, muito carinhoso para mim. É verdade que, na pensão onde eu morava, nós tínhamos uma roda de amigos muito queridos: Alkmin, Odilon Behrens, Villas-Boas e outros companheiros muito inteligentes, muito agradáveis.¹¹

¹¹ Odilon Behrens foi duas vezes secretário de Finanças de Minas Gerais. Antônio Martins Villas Boas foi ministro do Supremo Tribunal Federal.

Belo Horizonte era uma cidade ainda muito... era como dizia um amigo meu: “um arraial com bonde elétrico.” [risos] A cidade não tinha calçamento nas ruas, não tinha conforto nenhum; Belo Horizonte era ainda muito maltratada. Havia só um clube, o Clube Belo Horizonte, que estava muito além das minhas posses. Eu não poderia ser sócio do clube, mas nos grupos escolares, eles faziam sempre umas festas de caridade.

M.V. – O senhor já se referiu a várias passagens: “No Clube eu não podia ser sócio”... “Eu não tinha dinheiro para comprar isto”... “Eu sabia que não podia”... Essas coisas lhe davam alguma revolta, alguma amargura, ou, pelo contrário, reforçavam sua determinação?

J.K. – Absolutamente, pelo contrário, estimulavam-me na luta. O dinheiro que eu tinha dava para pagar a pensão e a escola. A matrícula era cara, naquele tempo; a escola era particular, quer dizer, era reconhecida oficialmente, mas não era como são hoje as universidades, onde o governo paga todas as despesas e os alunos são gratuitos... Naquele tempo não, nós pagávamos. E, todo começo de ano, eu tinha que fazer um empréstimo. Naquele tempo, já conhecia a tragédia dos agiotas; havia lá um camarada de quem eu tomava dinheiro emprestado. A matrícula custava 700 mil réis e eu tomava dinheiro a 10% ao mês.

Levara o ano inteiro para pagar. Quando chegava o fim do ano, eu já tinha que fazer novo empréstimo para o ano seguinte. Estava sempre endividado, pagando a pensão. Não havia ninguém.... Quem iria lembrar-se de me ajudar? Eu tive apenas dois auxílios na vida, posso contar até quanto foi. Eu escrevi uma carta para um tio meu, que morava em Araguari, dizendo que, como eu tinha tirado aquelas férias de seis meses, passei a não receber o ordenado. Eu escrevi: “Se o senhor pudesse me dar 150 cruzeiros por mês, para eu poder cuidar da minha saúde”... E ele foi muito correto, me deu 150 cruzeiros por mês, durante seis meses. Além disso, houve um primo: numa ocasião, quando eu estava numa dificuldade muito grande, tive coragem de pedir emprestado a ele 500 cruzeiros. Chamava-se Nílton Fonseca e era engenheiro. Para minha surpresa, ele me deu dinheiro na mesma hora. Foram esses os dois únicos auxílios que eu tive até a minha formatura.

Mas, voltando às festas, eu não podia participar do clube, mas freqüentava essas festinhas, onde a gente pagava dois mil réis por um cartão. Numa dessas festas, no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, eu conheci Sara. Ela estava lá com muitas amigas, era mocinha ainda. Dancei com ela, foi o início. Depois, tive novos encontros com ela, em outras festas iguais, e a coisa foi engrenando, até me tornar noivo e casar. Isso aconteceu muitos anos depois, porque depois que me formei, eu trabalhei, fui à Europa, e só depois é que me casei. Mas conheci Sara nessa fase do 5º ano de medicina.

Quando me formei, eu ia clinicar no interior, tinha até ido com esse meu tio que tinha me dado auxílio, a Araguari e a Ipameri, em Goiás. O meu destino era ir mesmo para Goiás, que coisa curiosa... Cheguei lá, examinei e falei: “Está certo, eu estou interessado em vir para esta região.” Era uma região atrasadíssima, inteiramente desligada do mundo; não havia estrada, não havia coisa nenhuma.

[FINAL DA FITA 1-A]

J.K. – Goiás, naquele tempo era um lugar muito deserto, inteiramente desligado de tudo.

Mais tarde, quando eu era senador por Goiás¹² (que coincidência engraçada, não é?), precisávamos de uma votação e faltava um voto. E o pessoal do PSD e do PTB, a nossa coligação, disse o seguinte: “Só o senhor pode obter esse voto, ninguém tem mais força. Há um elemento da UDN de Goiás, suplente do Senador Coimbra Bueno, que está no exercício do cargo. Se o senhor lhe pedir, quem sabe ele não o atenderá?” Eu não o conhecia; era um médico lá de Tocantinópolis, no extremo norte de Goiás. Eu o procurei, e disse: “Senador, o senhor vai me perdoar essa intervenção” – e expliquei o assunto – “mas eu precisava muito ganhar essa votação. Falta um voto, e o senhor é da UDN. Eu sei que a UDN fechou questão, mas eu faço um apelo ao senhor para me atender.”

O homem me ouviu, e disse: “Presidente, eu não posso deixar de atendê-lo e vou dizer por quê. Quando eu era estudante, saía de Tocantinópolis para ir estudar no Rio de Janeiro e levava três meses para ir e três para voltar. Quando saí, fiquei por seis anos no Rio

de Janeiro, porque não dava tempo de ir e voltar durante as férias. Passei seis anos sem ir à minha casa, sem ver os meus pais, minha família, porque não era possível. Hoje, eu vou de Tocantinópolis ao Rio de Janeiro em três dias, em estradas todas elas construídas pelo senhor. Não posso recusar-lhe, o senhor terá esse voto.” E ganhamos por um voto. [risos]

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.K. – Voltei de Goiás com a idéia de me estabelecer em Ipameri, ou mesmo em Araguari, no Triângulo Mineiro. Mas, o homem planeja uma coisa e, conforme o próprio ditado, “o homem põe e Deus dispõe.” Cheguei em Belo Horizonte e tive uma gripe muito forte. Eu estava muito combalido pelo esforço que havia feito, no trabalho e no estudo. O sono faz muita falta e a alimentação naquelas pensões diversas não compensava as calorias que o organismo exigia. Quando me formei, estava muito magro e muito fraco, tive a gripe e fiquei arrasado; fiquei de cama durante um mês.

Quando me levantei, ainda sem capacidade para me locomover, fiquei convalescendo na casa de Júlio. Foi nesse período que ele me propôs uma providência que alterou radicalmente o meu futuro. Júlio propôs que eu ficasse em Belo Horizonte, trabalhando com ele. Ele tinha um consultório muito movimentado, na rua Bahia, no antigo edifício do Parque Royal; tinha uma clínica cirúrgica – a maior de Minas – e me convidou para ser seu auxiliar. Eu achei a proposta muito boa, mas eu era muito cauteloso, não gostava de me insinuar, nem de me impor a ninguém, ou de parecer que estava procurando explorar as relações de parentesco ou de amizade. Insisti ainda para ir para o interior, mas minha irmã Naná fez coro com o marido e insistiram muito.

Uma tarde, depois do almoço, ele me pôs dentro do seu automóvel, e fomos para seu consultório. Ele me colocou um avental branco nas costas e disse: “Sua sala é esta; eu vou atender aqui uns doentes e transferir para você os doentes que puder. Vamos trabalhar juntos.” Efetivamente, foi isso que aconteceu. Durante dois anos, trabalhei intensamente com Júlio.

¹² JK foi eleito senador pelo PSD de Goiás, com 96% dos votos. Exerceu seu mandato de 1961 a 1964, quando, em 8 de junho, foi cassado e teve seus direitos políticos suspensos por dez a nos.

M.V. – O senhor fazia clínica geral?

J.K. – Não, clínica cirúrgica. Nossas especialidades eram urologia e clínica cirúrgica. Como a clínica dele era muito grande, e eu era um homem muito trabalhador, ele começou a passar tudo aquilo que podia e isso me dava um trabalho... Eu ia às sete horas da manhã para o hospital, operar com ele, ajudá-lo. Acabava aquele expediente ao meio-dia, e ia para o consultório às duas horas; trabalhava até às seis, jantava, voltava para o consultório às oito horas e ficava até às dez horas da noite. Urologia – isso é um comentário que eu faço à parte, porque merece – era, naquele tempo, uma especialidade muito freqüentada, por uma razão: as doenças venéreas.

M.V. – Não havia antibióticos?

J.K. – Não. Eu pensava comigo: “O homem, o sábio, o cientista, o homem de laboratório que conseguir um remédio que cure essas infecções urinárias, será um dos heróis da humanidade.” Pois bem, eu raciocinava isso, e quase 15 anos depois desse meu raciocínio, surgiu um homem que resolveu esse problema, Alexander Fleming. Ele descobriu a penicilina, na Inglaterra. E eu tive a ventura de conhecê-lo, já mais tarde, como deputado federal,¹³ quando ele veio ao Brasil. Nós o recebemos na Câmara dos Deputados, com as honras e a distinção que ele merecia. Depois que terminaram os discursos, ele foi para o gabinete do presidente da Câmara. Lá eu o procurei e disse: “Dr. Fleming, eu quero contar-lhe uma reflexão que me acompanhou durante anos. Eu pensava sempre: ‘O homem que descobrir um remédio para curar as infecções urinárias será um herói da humanidade’, e não esperava que isso fosse acontecer na minha vida. Estou aqui apertando a sua mão com muita hora e muita alegria.”

¹³ JK foi deputado federal e constituinte por Minas Gerais, de 1934 a 1937, pelo Partido Progressista (PP). Em 1945, foi eleito novamente deputado federal, pelo PSD mineiro.

O começo da vida profissional de um médico é muito emocionante, sobretudo para quem tem, como eu tinha, uma noção de responsabilidade muito grande. Eu era realmente discípulo de Hipócrates, porque considerava a medicina um sacerdócio. Aquele juramento que se faz, que muitas pessoas lêem sem prestar atenção no que significa realmente... Precisava meditar sobre isso. E eu, por uma questão intuitiva, pela educação de minha mãe, era um homem que dava aos meus doentes uma assistência completa. Se o doente não tinha recursos para comprar remédios, eu dava o remédio. Se ele não tinha recursos para tirar uma radiografia, eu ia ao laboratório com ele, pedia ao médico para fazer mais barato, ou eu mesmo pagava o laboratório. Ajudava meus doentes de todos os modos. No fim daquele tempo, eu tinha já uma situação extraordinária, não só como reflexo da condição de meu cunhado Júlio Soares, como também da minha própria personalidade.

M.V. – O senhor não acha que, talvez, esse seu início como médico e essa facilidade para o trabalho, pelo senso de responsabilidade e também por conseguir uma clientela e ajudá-la, tudo isso, de alguma maneira, já foi marcando o sentimento de responsabilidade e de apoio que o senhor teria com a sua vida pública, mais tarde?

J.K. – Você tem toda a razão. Eu sempre pensava, quando entrei na política, como a medicina era inspiradora de meus atos políticos. Por exemplo, quando eu chegava no meu gabinete, eu já presidente da República, no Palácio do Catete, chegava uma pessoa e, geralmente – a não ser as grandes figuras do Brasil –, os que conseguiam aproximar-se de mim, vinham numa emoção muito grande. Alguns não podiam nem falar; eram mulheres, homens. Então eu dizia: “Olhe, meu filho, eu conheço bem toda essa gama de emoções que atormentam as pessoas que se aproximam de mim, porque também passei pelas mesmas dificuldades, também procurei algumas vezes homens poderosos pedindo para me ajudar. Sempre encontrei as portas fechadas, porque os poderosos nunca abriram portas para quem precisa. Eles só abrem portas para quem não precisa.” Pegava na mão da pessoa e dizia: “Pode conversar tranqüilo, contar as suas dificuldades porque eu vou ajudá-lo no que puder.” Nunca deixei uma pessoa sair desapontada do meu gabinete.

Às vezes, podia ser impossível atender ao que pediam, mas saíam com a minha palavra carinhosa, com a minha assistência, com a minha atenção. Isso eu considero que tenha realmente aprendido na medicina, porque, ao lado da cama de um doente, eu era extremamente carinhoso, e aprendi isto com o meu cunhado, porque ele era genial na maneira como tratava os doentes. O que faz o médico não é só dar receita e, às vezes, curar o doente; é dar uma assistência espiritual, que dá ao doente uma confiança e uma segurança íntima, que ajudam a cura.

Fiquei dois anos nesse trabalho e, às vezes, com grandes riscos. Por exemplo, uma vez meu cunhado me disse: “Você tem que atender uma senhora, lá numa fazenda perto de Sabará. Eu não posso ir, você vai.” Cheguei lá, e encontrei a senhora com hemorragia. Eu examinei e fiz o diagnóstico de uma gravidez tubária. Em vez de se processar no útero, ela se processa nas trompas. A gravidez vai aumentando, rompe as trompas, há hemorragia. Tem-se que dar assistência rápida, sem o que a morte é inevitável. Quando eu vi aquilo, disse à senhora: “Não sei como, mas tenho que transportá-la daqui, porque a senhora tem que ser operada imediatamente.” O marido, com aquela ignorância do homem do interior, disse: “Não, doutor, não vou concordar que minha mulher saia. Eu não posso pagar nada, não tenho nem como levá-la. Não, ela fica aqui mesmo.” Falei: “Isso não; ela não vai ficar aqui. Eu tenho responsabilidade, eu a levo comigo no meu automóvel.” O marido terminou: “Não senhor, eu não vou concordar com isso.” Eu insisti: “Pois ela vai comigo.”

O fato é que, depois que ele viu a minha decisão, eu o chamei e disse: “Você fica responsável pela morte de sua mulher, porque esse é um caso de morte, não tem apelo; ou opera ou morre. Assim mesmo, eu tenho muito receio de transportá-la nesse automóvel, mas não há outra solução.” Foi uma luta, mas botei a mulher no meu automóvel – uma estrada horrível, cheia de solavancos – e levei para Belo Horizonte. Ela não tinha dinheiro nenhum, mas internei-a no hospital, paguei as despesas; operei-a na mesma hora; nem fui em casa.

M.V. – Isso foi em 1930, mais ou menos?

J.K. – Foi em 1929. Operei a mulher e a salvei. Esses eram os confortos que a medicina dava, a compensação que a medicina dava, para um homem como eu.

M.V. – Isso, de uma certa maneira, inculuiu autoconfiança no senhor; é a imagem que o senhor transmitia, não?

J.K. – Autoconfiança, e aquela certeza de que eu estava servindo bem. Para mim, isso tinha uma importância considerável.

Mas, durante esses dois anos, foi um trabalho muito intenso. Eu não tinha nem tempo para gastar dinheiro, porque trabalhava dia e noite. Juntei uns cobres e resolvi ir à Europa. Naquele tempo, não se ia aos Estados Unidos, a Europa era o grande centro científico, principalmente para minha especialidade, cirurgia urinária. A urologia é uma coisa curiosa; foi uma ciência puramente francesa. Nasceu na França com Albarran, um médico espanhol, radicado lá. Casou sua filha com Lucien Leger, que era francês. Quando ele morreu, Leger ficou com a cadeira de urologia. Portanto, durante quase 50 anos a cadeira de urologia da Escola de Medicina de Paris ficou na mão do sogro e do genro, e foi uma ciência totalmente francesa. Em seguida, passou para Maurice Chevassu que era o terceiro, no decurso de quase 50 anos. Eu fui para a França nessa época.

M.V. – Chevassu foi seu professor?

J.K. – Foi. Ele era professor da Escola de Medicina e chefe do Hospital Cochin. Foi lá que eu trabalhei durante um ano e tanto. Fui depois a Viena e a Berlim.

M.V. – Quer dizer que, em 1930, o senhor estava na Europa?

J.K. – Todo o ano na Europa. Da Revolução de 1930, eu não vi nada. Quando cheguei aqui, já estavam todos empossados. Esse ano na França foi de um resultado extraordinário para mim, porque, além da parte médica, havia a parte cultural que eu adorava, porque gostava muito da literatura francesa.

M.V. – O senhor sempre ligou o desenvolvimento à cultura, não é presidente?

J.K. – Sempre. Gostava imensamente da cultura francesa. Se você for à minha biblioteca, você verá coleções de todos os escritores franceses famosos, todos aqueles grandes escritores.

M.V. – O senhor tem alguma preferência marcante?

J.K. – Não; quer dizer, os grandes eram Victor Hugo, que hoje está “para trás”, mas era uma beleza. Balzac, Zola, Renan, eram grandes escritores. Fora os ficcionistas, como Alexandre Dumas, Senancour, que escreviam ficção, mas só baseada na história da França. Quem lê um romance desses, fica conhecendo a história da França.

Eu tomei cursos também, além do de medicina. Havia organizações, como a Alliance Française, para estudar história e arte. Toda quinta-feira saía às duas da tarde, com professores muito bons, e ia, por exemplo, a Versailles. Eu corria aquilo tudo, com os professores explicando tudo; a história e a arte.

M.V. – Como é que o senhor, afinal de contas, com estudos mais amplos limitados em Diamantina, e depois com uma profissão muito mais ligada às ciências exatas teve esse despertar para o estudo da literatura, da arte?

J.K. – Esse despertar eu tive em Diamantina, vou dizer-lhe por quê. Eu era obrigado, como lhe falei, a estudar; então, precisava ler, e gostava muito de leitura, afeiçoei-me logo à leitura.

Havia uma pequena biblioteca em Diamantina, na União Operária. Em 1890, no século passado, num mundo em que problema social ainda não existia, pois nasceu realmente com a primeira guerra, em Diamantina já havia a União Operária, com sede própria, biblioteca, e o sujeito ficava lá fazendo discurso. Não é interessante? Eu freqüentava muito a biblioteca, havia 300 volumes, e eu li os 300. Se fosse astronomia, eu lia astronomia; se fosse espiritismo, eu lia espiritismo, história, eu lia história, os 300. Depois, eu fazia um sistema que eu mesmo inventei: sabia que um advogado, um médico tinha um livro, e ia lá: “O senhor podia me emprestar? Prometo devolver o livro.” Uns não emprestavam, outros achavam engraçado e emprestavam, e eu devolvia religiosamente. Comecei a fazer intercâmbio de livros, e passei a estudar francês.

Em Diamantina, havia uma francesa, que tinha vindo de Paris, com um brasileiro, no começo do século; negócio de mineração. Diamantina tinha várias companhias de mineração, de ouro e diamante. Essas companhias eram todas estrangeiras, e chegavam com muito capital, compravam turbinas, caldeiras, organizavam tudo, quebravam e iam embora. [risos]

M.V. – Ainda bem que o senhor mudou isso depois, não é?[risos]

J.K.- Aconteceu isso com essa família. A francesa ficou em Diamantina, na miséria, com sete filhos. Abriu uma aulazinha de francês, para poder viver, e cobrava três mil réis por mês. Eu comecei a freqüentar a aula, e ela ficou muito minha amiga; eu tinha 17 anos. Aí estudávamos, líamos juntos. Ela era relativamente moça e se entusiasmou com a minha curiosidade.¹⁴ Traduzi todo o teatro clássico francês: Molière, Voltaire, Racine. Isso me deu um amor enorme à literatura francesa, e daí passei para os outros, que eram muito mais

¹⁴ Madame Louise Guillaume, viúva de Rodolfo Silva.

fáceis, porque é muito mais difícil traduzir Racine, Molière e Voltaire na poesia, do que ler uma prosa. Quando cheguei a Paris, tinha esses alicerces para minhas indagações.

M.V. – Foi isso que o motivou para o curso da Alliance Française?

J.K. – Foi. Eu ia a Versailles, a Fontainebleau, a todos aqueles castelos do Loire; tudo quanto era histórico: igrejas, museus. Os professores davam a história e a arte. Fiquei conhecendo Paris como pouca gente nesse mundo, mas conhecendo mesmo, e tinha um prazer enorme com isso; quer dizer, era um fundamento cultural formidável. Quando chegaram as férias dos professores, eu pensei: “O que vou fazer nessas férias?” Era um mês e tanto. Eu tinha pouco dinheiro, mas a gente aproveitando bem, o dinheiro dá para tudo, não é? Havia uma excursão pelo Mediterrâneo: Egito, Líbano, Jerusalém, Síria, Turquia, Grécia, Itália. Eu dei a volta toda na Europa: Viena, Berlim, Bélgica, Inglaterra e voltei novamente a Paris, depois de conhecer tudo isso. Gostei extraordinariamente, sobretudo naquela parte do Oriente, porque havia sempre guias muito bons. Eu me lembro de que, em Atenas, foi um professor da Escola de Direito de Atenas que me acompanhou. Nós fomos ao Partenon, e passei o dia lá com ele – eu conhecia quase tanto quanto ele, porque já tinha lido e relido aquilo tudo – conversando sobre o discurso de Péricles, ali no Pnix.

Péricles foi acusado pelos atenienses de estar gastando excessivamente, quando fez o Partenon. E Péricles reuniu o povo no Pnix (um rochedozinho perto do Partenon, que servia de tribuna para as pessoas acusarem ou se defenderem) e se defendeu. Mostrou o Partenon e disse: “Isto vai desafiar os séculos e os milênios. Se os atenienses não têm orgulho desta obra, da grandiosidade desta obra, eu mesmo pagarei tudo, mas não permitirei que figure nem na história e nem nos seus fundamentos, qualquer nome ateniense.” Com esse argumento, os atenienses concordaram com ele, e as obras prosseguiram. Isto aconteceu no século V a.C., e 2.500 anos depois, está a humanidade passando por lá para ver aquilo...

Depois dessa viagem, voltei para o Brasil. Cheguei aqui e encontrei um outro Brasil. À revolução de 1930 eu não assisti, mas os resultados estavam ainda palpitando na atmosfera. Todo o mundo vibrava de entusiasmo. Getúlio! Getúlio! Nova era, nova idade.

M.V. – Antes disso, o nome Getúlio Vargas não significava nada para o senhor?

J.K. – Apenas remotamente. Sabia que ele era presidente o Rio Grande do Sul. Mas, naquele tempo, eu não me dedicava à política, porque estava muito ocupado. É verdade que, em 1929, a campanha da Aliança Liberal, que já estava em pleno vigor, apaixonou muito o país. Eu me lembro da primeira vez que Osvaldo Aranha e João Neves foram a Belo Horizonte, chefiando uma caravana de propaganda da Aliança. Eu fui à praça da Liberdade para ver o comício, e eles falaram da sacada do Palácio da Liberdade. Foi a primeira vez que eu ouvi um discurso inflamado, de agressão contra o governo. Lá em Minas, nós éramos muito pacatos, só se falava do governo para elogiar, não é? [risos] De vez que quando, João Neves e Osvaldo Aranha pregavam a revolução...

M.V. – Estou imaginando o ímpeto de Osvaldo Aranha...

J.K. – “Derrubar esse governo”, aquela coisa toda. Foi um susto para nós, mineiros. Mas, de uma maneira geral, Minas embarcou logo naquela aventura. E foi Minas que deu um apoio formidável para chegar à vitória em 1930.

M.V. – O senhor chegou em 1931, não é?

J.K. - Não, no fim de 1930, em dezembro. O ar estava ainda inflamado, com a posse de Getúlio, as novidades, Olegário Maciel em Minas.¹⁵ O oficial-de-gabinete de Olegário Maciel era um cunhado meu, Gabriel Passos.

¹⁵ Olegário Maciel foi presidente de Minas Gerais, de 1930 até 1933, quando faleceu.

M.V. – A presença de Gabriel Passos mostraria, mais tarde, embora ele fosse da UDN, como a sua ligação com ele ficou.

J.K. – Exato. Ele era muito meu amigo e acabamos, ele de um lado e eu do outro, disputando o governo de Minas. Eu nem pensava em política, naquela época. A vida é uma coisa curiosa. Gabriel ser oficial-de-gabinete do governador de Minas, naquele tempo, era de uma importância enorme. Capanema era oficial-de-gabinete, mas foi nomeado secretário do Interior; para seu lugar, foi nomeado Gabriel Passos. Eu estava sempre em contato com ele, lá na casa da minha sogra, acompanhando muito de perto as notícias e os acontecimentos, durante 1931.

O ano de 1932 marca outra transformação em minha vida. Capanema, que era muito amigo da minha sogra, era secretário do Interior e, como tal, era o comandante da polícia. A polícia tinha um hospital grande – hospital militar – que atendia a toda a polícia. Capanema, com essas idéias avançadas que ele tem, pois é um homem muito inteligente, tem grandeza para examinar as coisas. Médico militar era sinônimo de médico ignorante, burro e atrasado. E Capanema me chamou e disse: “Olhe, nós vamos acabar com esse negócio de ser uma vergonha ser médico militar. Vamos fazer uma reforma, substituir tudo isso, botar gente nova, gente boa.” Ele fez uma modificação completa, convidou só professores da Escola de Medicina. Eu estava chegando da Europa e, naquele tempo, era uma novidade ir à Europa estudar. Assim, eu estava com muito cartaz, e entrei para o hospital militar como médico.

M.V. – Foi bom o senhor tocar nisso porque várias pessoas me perguntam: “Como Juscelino, que chegou da Europa, afinal de contas, com um curso feito no exterior, que tem tanto prestígio, aceitou um posto de médico militar, que não tinha prestígio?”

J.K. – Está explicado.

Na mesma ocasião, fomos nomeados eu e todos os outros. Eram professores da Escola de Medicina; só eu é que não era, porque não tinha tido tempo, ainda estava me

preparando para fazer o concurso para a Escola. Comecei a trabalhar no hospital, e estava lá há poucos meses, quando veio a Revolução de 1932.

Uma manhã, tocou o telefone às três horas da madrugada. Eu estava casado há quatro meses. Disseram assim: “O senhor se apresente” – eu era capitão-médico – “no hospital militar, é ordem do comando geral.” Eu disse: “O que houve?” Eles disseram: “Ordem do comando geral.”

Sara não sabia que eu ia ser convocado e estava em pânico. Minha irmã tinha sido operada naquela noite, de um cálculo na vesícula, e eu, para disfarçar o negócio, disse: “Estão chamando-me lá no Hospital São Lucas; Naná está passando mal. Tenho que ir lá para vê-la.” Sara disse: “Eu vou com você.” E foi comigo.

Eu a deixei na porta do hospital e falei: “Eu vou ali na Santa Casa, para apanhar uns instrumentos de que preciso, e volto já.” Da Santa Casa, fui para o hospital militar e, de lá, fui para a estação e só voltei em casa meses depois.

M.V. – E d. Sara, que tinha ficado esperando na porta do Hospital São Lucas?

J.K. – Ah, Sara ficou uma fera comigo. Depois, queria pedir a Capanema para me convocar para trás, e eu falei: “Isso, de modo nenhum.” E foram para mim, uma coisa extraordinária, aqueles meses que passei na Mantiqueira.

Chegamos e fomos para Passa Quatro, onde estava...

M.V. – É dessa época o hospital do túnel, não é?

J.K. – É. Desse lado, estavam as tropas fiéis ao governo, e do outro, as tropas paulistas, que estavam contra o governo. Comandava nosso setor o coronel Dutra, que depois virou general e presidente da República. Mas Dutra saiu, e, dias depois entrou o coronel Cristóvão Barcelos que logo depois foi promovido a general. Eu passei a trabalhar. Aí é que

a afirmação da personalidade começou, porque o hospital era uma coisinha, cabia dentro dessa sala praticamente, não tinha nada.

Quando cheguei, o coronel-comandante me disse: “O senhor vai tomar conta do hospital de sangue.” Quando eu entrei no hospital de sangue, não tinha coisa nenhuma. Não tinha pinça, não tinha agulha, não tinha catagute, não tinha linha, não tinha nada para se fazer uma intervenção. Eu fiquei em pânico, e pensei: “Se chegar gente aqui, como é que eu vou agir?” Mal eu pensei assim, parou um caminhão na porta do hospital. Eu o olhei, e o caminhão estava cheio de feridos. Levamos a maca, e fomos desembarcando os feridos. Um deles não estava em condições de se mover, porque tinha levado um tiro no abdômen. Tinha que operar prontamente, sob pena de morte imediata.

Separei os doentes, distribuí pelo chão da enfermaria, botando cobertores no chão; vieram nesse caminhão uns 50 feridos. Tinha havido um ataque dos paulistas, e quase levaram de vencida os mineiros, a tropa que estava lá. Mas Dutra era um sujeito valente mesmo, era um bom comandante; ele soube escorar o negócio, porque senão, naquele dia os paulistas teriam ganho a Revolução.

Quando vi aquilo, distribuí os doentes, pensando: “Como vai ser agora, meu Deus, para operar esse homem?” Botei debaixo de uma escada, arranjei uns cobertores, deitei, chamei a irmã Marie, que era uma freira francesa, e falei: “Irmã, a senhora tem que me ajudar nessa operação.” Ela era velhinha já, e disse: “Doutor, eu nunca ajudei, mas Deus há de me dar forças para ajudar.” É formidável, não é? Falei: “Claro, irmã, vai dar forças mesmo.”

Procurei uma pinça, havia lá um ou dois bisturis, uma porcalhada. Compressa não havia; fervei uns guardanapos em tacho no fogão e assim esterilizei as pseudo-compressas. Organizei aquilo tudo. E a anestesia? Mandeí chamar o coronel do Exército; eu, um capitão da polícia mandar chamar um coronel do Exército, era uma ousadia tremenda. Ele estava num hotel; veio, e eu disse: “Coronel, eu já atendi a todos esses feridos, mas esse aqui eu tenho que operar, mas não há aparato nenhum.” Ele olhou e disse: “O senhor não tem recursos para fazer isso, não pode fazer.” Eu disse: “Coronel, eu não posso é deixar esse homem morrer à míngua de recursos, isso eu não posso. Eu pediria ao senhor o grande favor de dar a anestesia para mim.” Ele se negou: “Absolutamente, o que o senhor quer

fazer é uma temeridade, e eu não estou de acordo.” Aí eu falei: “Mas, coronel, o senhor vai perdoar-me, eu sei, eu sou capitão e o senhor é coronel”- foi difícil a nossa conversa – “mas há entre nós dois uma coisa que se chama consciência médica, e essa consciência me impõe a decisão que eu tomei. Vou operar esse homem e se o senhor não concordar, está bem, outra solução aparecerá, mas vou operar.” Ele foi embora. Depois, isso valeu um processo contra ele, negócio feio, e eu o salvei.

M.V. – A medicina passou por cima da hierarquia militar, não é?

J.K. – Exato. Chamei o veterinário que havia lá, e falei: “Você já deu alguma anestesia?” Ele respondeu: “Não, nunca dei.” Eu disse: “Então, vai dar.” Ele falou: “Eu sei, já lidei muito com vacas, com bois, já...” Peguei a máquina com que se dava a anestesia; era muito simples de fazer. As anestésias daquele tempo eram muito arriscadas, porque os aparelhos eram uma porcaria, não era essa perfeição de hoje, mas era fácil de manobrar. Eu disse: “O senhor vai manobrando, que eu vou operar, mas fico de olho, orientando.” Colocamos o doente, pusemos a máscara no homem. A irmã ficou do outro lado; ensinei como ela tinha que lavar a mão, botei as luvas nela, porque ela não sabia como era.

Abri a barriga do homem. Havia oito perfurações no intestino, só uma dava para matar. Você sabe como eu suturei? Com agulha de costurar roupa. Havia lá uns categutes, e eu passava o categute na agulha e, com aquilo, eu suturei tudo. Pedi: “Meu Deus, fazei com que eu salve esse homem, porque esse coronel já disse que era uma temeridade, que eu vou matar o homem; operando, ainda vou ficar com essa responsabilidade.”

No meio da operação, o homem teve uma síncope; era muito comum acontecer, era a síncope respiratória, por causa da anestesia. O sujeito não sabia dar direito, e eu tive que tirar as máscaras, arranquei as luvas, e eu mesmo fiz as manobras respiratórias até ele voltar a respirar. Tornei a vestir as luvas, fechei a barriga do sujeito e salvei o homem. Oito dias depois, ele estava andando.

M.V. – Isso marcou mesmo o senhor, não?

J.K. – É. Chegou o capitão, que teve até muita atuação política na época, Rui de Almeida. Depois, ele foi deputado, e um dos líderes daquele clube dos tenentes. Chega ele lá, investido nas suas funções, com um ofício do general: “Abrir inquérito contra o coronel fulano de tal, que se recusou a prestar serviços médicos a um doente agonizante.”

M.V. – Mas, como é que souberam?

J.K. – A cidade era muito pequena. Todo o mundo assistiu à minha conversa com ele, ali em pé, no *hall*, com o doente debaixo de uma escada no *hall* do hospital. Todo o mundo assistiu, e aquilo se espalhou pela cidade toda. Aquilo marcou a minha entrada como chefe do serviço de sangue.

M.V. – A tomada de decisão rápida e a coragem para enfrentar.

J.K. – No dia seguinte, eu já era o homem mais famoso de Passa Quatro, eu era o dr. Juscelino. Tinha 28 anos, com uma cara de menino.

Eu disse ao capitão Rui: “Capitão, o senhor vai me perdoar, mas diga ao general que eu pedi, realmente, o auxílio do coronel-médico, mas não vou depor contra ele. Não é do meu feitio; o que me interessava eu já fiz: operar o doente. Peço ao senhor para não continuar esse processo, não fica bem; vai deixar mal o homem, ele já está no fim da carreira. Peça ao general para não fazer isso.” Ele ponderou: “Não; o senhor sabe, um militar não é assim.” Eu disse: “Não tenho formação militar, porque sou médico. Mas faço esse apelo ao senhor.” Aí, o general Barcelos, que era um homem formidável, falou: “Atendo ao dr. Juscelino, porque acho até muito nobre a sua atitude.” E abafamos o caso.

Depois, eu tive um caso, que conto no meu livro. Um camarada tomou um tiro, arrancou um tampo da cabeça e deu gangrena no cérebro. Foi uma coisa! Você nem faz idéia do que é essa gangrena de cérebro. O cheiro é terrível. A uma distância de um

quilômetro, você já não agüenta respirar. Contamina o hospital, e mata todo o mundo. Eu falei: “É preciso tirar esse homem; ele não pode passar nem na porta do hospital. Eu tenho que isolá-lo, e cuidar dele sozinho.” Havia soros apropriados para aquilo, mas o homem teve convulsões terríveis. Era um soldado forte, e eu tinha que levar um bando de sujeitos para agarrá-lo, para poder aplicar a injeção na veia. Então, arranjei uma casinha isolada, e o levei para lá. Começou a constar que eu o tinha isolado para ele morrer abandonado.

M.V. – Cidade pequena...

J.K. – Fofoca de cidade pequena. Eu chamei os comandantes: “Há essa tolice, mas é preciso que eu esclareça o assunto, e quem quiser vai comigo.” Quem teve coragem de entrar lá? Estava um cheiro terrível de coisa podre, porque se chama gangrena gasosa, é uma coisa terrível. E eu sabia que aquilo já estava sem resultado, mas é o tal negócio, o médico tem que fazer tudo. Amarrava para dar injeção; levei vários dias naquela luta até o homem morrer, mas todo o mundo viu, no fim, qual foi o meu sacrifício. Aquilo tudo aumentou o meu capital pessoal.

Houve outro caso também. Chegou lá um capitão, que tomara um tiro, mas veio caminhando. Quando ele chegou, eu olhei. Ele estava com os olhos abertos, conversando comigo, mas eu notei qualquer coisa nos olhos dele, e falei: “O senhor está me enxergando bem?” Ele disse: “Não, não estou enxergando o senhor, doutor.” Eu peguei a lâmpada, aproximei do rosto dele, e perguntei: “Está forte a lâmpada?” Ele disse: “Não, não estou vendo nada.”

Passei a examiná-lo. Ele tinha tomado um tiro no olho. Não se via, a princípio, porque a bala entrou e saiu, essas fatalidades caprichosas. Cortou os dois nervos óticos, de um lado e do outro, e ele ficou cego dos dois olhos, mas não fez estrago algum. Não lesou o centro nervoso cerebral. Animei-o muito, e o mandei para Belo Horizonte. Morreu cego, mas viveu muitos anos ainda. Encontrava-me muito com ele em Belo Horizonte. Era uma cegueira incurável, uma coisa dolorosa mesmo. E assim houve inúmeros, dezenas de casos iguais.

No dia 12 de setembro, dia de meu aniversário, eu já estava famoso ali, não só pela eficiência profissional, como pela maneira de tratar todo o mundo. O general Barcelos resolveu oferecer-me uma grande homenagem em Passa Quatro, com vários generais, coronéis, majores do Exército, da polícia, e fez um grande banquete. Foi uma das maiores homenagens que já recebi na vida. Por causa dessa quebra da hierarquia militar para homenagear um capitão...

Recebi aquela homenagem no dia 12 de setembro; no dia 13, depois da homenagem, eu fui para o quartinho que eu tinha, perto do hospital. Vários companheiros foram comigo, e nós tomamos muito uísque. Deitei e, no dia seguinte, amanheci com uma ressaca, achando que havia uma coisa esquisita.

O padre Alfredo Kobal, muito meu amigo, chegara lá numa noite: “Meu filho, eu vim aqui para oferecer meus serviços.” Ele tinha sido capitão do Exército austro-húngaro durante a guerra; tinha sido da guarda do imperador, e teve uma gangrena no braço. Prometeu que, se se salvasse da gangrena, iria dedicar a vida a Deus, virar sacerdote. Estava numa cidadezinha chamada Virgínia, lá perto de Passa Quatro. Soube da revolução e veio: “Dr. Juscelino, eu quero ajudar o senhor aqui no hospital.” Falei: “Ótimo, eu estou precisando muito de um auxiliar, porque o serviço está pesado mesmo.” Eu ia lá para cima, para a Mantiqueira, e arrancava doentes das trincheiras. Feridos ou doentes, porque nos meses de junho, julho e agosto, fazia um frio de matar lá em cima, na Mantiqueira. Muitos casos de pneumonia...

M.V. – Isso durou quanto tempo?

J.K. – Quatro meses. O Padre Kobal me ajudou naquele trabalho todo, foi formidável; ficamos amicíssimos. No dia 13, de manhã, eu o chamei – ele dormia num quarto perto do meu – e falei: “Padre Kobal, eu estou sentindo um troço diferente, o que é?” Ele disse: “Eu também.” Era o silêncio. Durante quatro meses, ouvíamos os canhões e as metralhadoras. Nesse dia, silêncio. Eu perguntei: “Os paulistas foram embora?” Eles foram de surpresa.

2ª Entrevista: 02.07.1976

M. V. – Presidente Juscelino, nós havíamos interrompido a entrevista ontem, quando o senhor se lembrava do silêncio do dia 13 de setembro, quando o senhor e o Padre Kopal perceberam que os paulistas haviam partido.

J.K. – O silêncio nos alertou para um acontecimento que esperávamos ansiosamente: o fim da Revolução. Sem hesitar, Padre Kopal e eu tomamos um caminhão e rumamos imediatamente para Manacá, uma pequena estação da estrada de ferro, a última antes de chegar à boca do túnel. Desembarcamos do caminhão e, com o espírito de aventura que sempre caracterizara o padre Kopal, um guerreiro, e a mim, um jovem sempre à procura de emoções grandes e novas, resolvemos atravessar o túnel. Mas as notícias que se propalavam por ali diziam que os paulistas haviam deixado várias minas, bombas, dinamites para explodir o túnel, se a tropa tentasse atravessar aquele elemento de ligação entre Minas e São Paulo. Padre Kopal tentou me reter, dizendo que minha mãe, em Belo Horizonte, havia-lhe solicitado que não me deixasse cometer imprudências. Ela me conhecia bem...

Não atendi ao seu apelo e, logo em seguida, penetramos na profunda escuridão do grande buraco que separava ou ligava Minas a São Paulo. Com a maior dificuldade, porque descia do teto, das paredes, uma umidade muito grande, gotas d'água caíam sobre nossos rostos, sobre nossa cabeça, e fomos caminhando, tateando sobre os trilhos, sobre os dormentes. Passamos cerca de meia hora naquela expectativa ansiosa, numa profunda escuridão. Até que, finalmente, avistamos, no outro lado, o começo de uma claridade, que se foi ampliando, até se transformar num clarão: era a boca do túnel, do lado paulista. Chegamos até lá. Caminhamos várias centenas de metros, além daquele ponto, à procura de vestígios de pessoas, de tropas, ou de qualquer coisa. Nada; um silêncio total. Realmente, naquela noite, os paulistas haviam abandonado as trincheiras, debaixo do maior sigilo, regressando para os seus quartéis no estado de São Paulo. Era praticamente o fim da Revolução.

Nesse momento, confesso que olhei para o céu que cobria o estado de São Paulo, e meditei sobre o despropósito daqueles quatro meses que eu tinha vivido, ouvindo dia e noite o ruído das metralhadoras, dos canhões, o ruído de todos os movimentos que denunciavam um estado de guerra. E pensei na tristeza que significava aquela situação para o nosso país. Irmãos de um lado, irmãos de outro, e uns matando os outros, por quê? Por causa de divergências de opinião.

Aquela reflexão foi altamente valiosa para mim, a partir daquele momento. Posso mesmo asseverar que, na presidência da República, todas as vezes que me defrontava com uma situação grave – e estas várias vezes vieram interpor-se no meu caminho – eu pensava nos dias que havia passado na guerra civil de 1932, e procurava sempre retificar as minhas posições, fazendo o possível para estabelecer um ambiente de paz e tranqüilidade no Brasil.

Eu me lembro bem de que, nos primeiros dias do meu governo, quando eram mais acesas as divergências e mesmo os ódios que separavam os dois blocos que disputaram as eleições de 1955, quando eu observava aquela efervescência de paixões, eu me lembrava do túnel, de Passa Quatro, daqueles caminhões que chegavam às dezenas, às centenas, à porta do hospital, cheios de homens feridos ou mortos. Perdemos ali tantos homens quanto na Segunda Guerra.

Mais de 500 homens ficaram para sempre dormindo o sono eterno da Mantiqueira. Nenhum deles tinha feito nada para receber aquele castigo. Eram soldados modestos, pessoas humildes, que estavam ali pagando o tributo do ódio e da incompreensão que lavrava entre os políticos. E eu pensava: “É preciso que os homens públicos tenham a maior compreensão, e não se lembrem apenas de suas ambições ou de suas desavenças. Eles têm, antes de tudo, de pensar que, de um gesto seu, de um pensamento ou de uma atitude, não pode decorrer desgraça para o povo.”

Acredito que esse pensamento, que sempre me norteou, foi altamente positivo nas atitudes do meu governo, não me deixando dominar por nenhuma amargura, por nenhum ódio, enfrentando tudo, sempre dentro do pensamento de que minha missão era restabelecer o equilíbrio e a paz no Brasil.

Tanto assim que, poucos dias depois da minha posse, assinei os atos de promoção de oficiais das Forças Armadas que me haviam combatido com o maior vigor. Mesmo os

próprios militares que me cercavam, os que eram meus amigos, achavam que eu não devia promovê-los. Eu nunca admiti que isto acontecesse. Chegando a hora da promoção de um elemento – eu me refiro aos oficiais-generais, cuja promoção é de livre escolha do presidente da República – nunca hesitei em assinar um ato de promoção do meu mais veemente adversário, só porque ele me houvesse combatido durante minha campanha, ou mesmo se houvesse levantado em armas contra minha candidatura. Foi a grande lição de paz e de compreensão que me ficou dos quatro meses que passei no túnel, ouvindo dia e noite o matraquear das metralhadoras, que me lembravam que os homens públicos têm uma responsabilidade muito grande com a paz, a segurança e a compreensão entre os homens que eles vão governar.

Voltamos para Passa Quatro logo em seguida; a notícia já havia sido propalada, e a cidade estava em festa. Todos se preparavam para voltar aos seus lares. Os soldados desciam das trincheiras, colocadas algumas a milhares de metros acima do nível do mar, no cimo da Mantiqueira. Foram, realmente, dias comovedores. O general Barcelos, que comandava o setor, começou a providenciar nosso embarque para outro *front*, porque não sabíamos se aquele ato significava o fim da Revolução.

Era meu companheiro nessa data, e foi aí que eu o conheci, um homem que teve grande influência em meu destino político: Benedito Valadares. Era prefeito de Pará de Minas. O seu concunhado, o major Ernesto Dorneles, primo do presidente Getúlio Vargas, era assessor do general Barcelos. Pediu ao general que levasse Benedito para o túnel, como delegado de Polícia da região. Benedito era um político, prefeito da sua cidade; era de uma família de grandes tradições políticas e ele próprio desejava muito entrar nessa carreira. Ele foi para lá; era um homem de temperamento diferente, muito reservado, não gostava de conversar em rodas grandes. Benedito era especialista em conversa a dois e, quando se reuniam mais de três, já procurava sair puxando para um canto o interlocutor com quem desejava falar; enfim, ele não era muito apreciado. De uma maneira geral, todos o achavam muito fechado e não lhe tinham simpatia de espécie alguma. Quando Benedito chegou ao túnel, verificou logo a minha posição de muita simpatia no meio de todos os militares, não só da polícia como do Exército, e passou a me procurar muito.

Eu era capitão-médico da polícia. Havia uma grande rivalidade, lá no setor, entre a polícia e o Exército; essas coisas são naturais. E só um homem com a paciência e a tolerância do general Barcelos, passaria por cima de tudo aquilo para manter as tropas perfeitamente entrosadas e em compreensão. Mas, houve tempos em que eles chegaram a pedir a Benedito que fosse a Belo Horizonte conversar com o presidente do estado Olegário Maciel, a fim de lhe solicitar que fizesse alterações no quadro de oficiais que serviam no túnel. Uma vez, puseram uma locomotiva à sua disposição para esta missão.

Benedito foi ao hospital, chamou-me de lado, e me contou aquilo de que ele estava encarregado. Eu ponderei que ele não fosse de maneira nenhuma, porque, se corresse à sua volta, no setor em que nós estávamos lutando, que ele havia sido portador de qualquer mensagem no sentido de alterar as posições dos militares daquela região, ele correria graves riscos. Ele compreendeu o meu aviso e, esperto como era, muito sagaz, pegou a locomotiva e rumou para Caxambu. De lá, foi para Barra Mansa e Barra do Piraí. Em Barra do Piraí, em vez de seguir para Belo Horizonte, veio para o Rio de Janeiro, onde permaneceu vários dias, voltando em seguida para o túnel, sem ter dado nenhum cumprimento à missão de que havia sido encarregado.

Esses e outros episódios, além de nossa convivência, estreitaram muito nossas relações; ficamos amigos íntimos. Todos até se admiravam de como eu preferia Benedito em lugar de outros elementos. Mas não era eu que preferia, era ele que me procurava muito; mas, afinal, eu me afeiçoei. Todos os homens, mesmo aqueles que, na aparência, têm um córtex meio esquisito, meio rugoso, quando a gente consegue penetrar através disso, percebe que a alma é boa, é sensível. Fiquei amigo de Benedito.

De Passa Quatro, nós rumamos para outros pontos do estado de São Paulo. Ficamos numa cidade chamada Casa Branca, durante umas duas semanas. Depois fomos para Campinas, e aí recebemos a ordem de desmobilização. Eu havia sido convocado no dia 9 de julho e fui desconvoado no fim do mês de outubro. Portanto, passei quatro meses prestando meus serviços de médico num setor de guerra. Acredito que isso tenha sido de uma vantagem extraordinária para mim, pelos ensinamentos que tive.

O túnel foi uma lição para muita gente e, também, uma escola geradora de políticos. Basta dizer que dali surgiram quatro governadores: eu, que depois fui governador de Minas,

Benedito Valadares, Dorneles, Assunção¹⁶ – que nesse tempo era o capitão de artilharia e foi até ferido; eu o operei, daí ter nascido também entre nós uma grande amizade. Mais tarde, sempre trabalhávamos em campos opostos em política, mas, apesar disto, sempre mantivemos a nossa amizade. E surgiram também dois presidentes da República: Dutra, que chegou lá no túnel como coronel e logo em seguida foi promovido a general e depois foi presidente; e eu, que cheguei lá como capitão da polícia e acabei presidente da República. Foi uma escola, portanto, geradora de políticos, de homens que tiveram muita influência nos destinos deste país.

M.V. – Havia alguma discussão sobre as causas políticas do movimento, as razões dos paulistas, as razões dos mineiros?

J.K. – Havia muita discussão, mas com o calor da Revolução, aqueles que estavam contra Getúlio, é claro, mais contra ficaram, e os que estavam a favor, também exercitaram mais esta tendência de ficar a favor. Do outro lado, estavam os homens que lutavam pela Constituição, e do lado de cá, estavam os que lutavam por Getúlio, pela legitimidade do governo que estava no poder. Eu confesso que, para mim, embora muito jovem ainda, já havia grandes dramas de consciência. No íntimo, eu estava dentro do espírito do pensamento de São Paulo: eu achava que, nos dois anos já decorridos depois da Revolução de 1930, Getúlio tivera tempo para recompor a legalidade no país e estabelecer um regime constitucional de legitimidade do poder. Mas, Getúlio, nós sabemos, era um homem muito interessante – mais adiante nós iremos falar a respeito dele. Ele amava o poder acima de tudo. Aliás, esta é uma característica dos homens que, depois, tomam a direção que Getúlio tomou, mais tarde, no Estado Novo.

Mas, um ano depois, o governo era obrigado a convocar eleições, a eleger uma Constituinte, e a dotar o país de uma nova Constituição.

¹⁶ Juscelino foi governador de Minas entre 1951 e 1955. Benedito Valadares foi interventor (1933-35), governador (1935-37) e novamente interventor (1937-45) de Minas Gerais; Ernesto Dorneles, interventor (1943-45) e governador do Rio Grande do Sul (1951-55); Alexandre Zacarias de Assunção, interventor (1937) e governador (1951-56) do Pará.

Voltei para Belo Horizonte, trazendo no meu espírito uma enorme soma de experiências. Os oficiais que trabalharam no túnel e que compunham o Clube 3 de Outubro, e todos esses movimentos que eram fecundados e estimulados pela ala jovem dos militares, procuraram envolver-me para me trazer para o seu meio. Mas a medicina, que sempre tinha sido a minha preocupação, chamava-me também. E, como eu dispunha àquela altura, de uma clínica numerosa, rendosa, não queria abandonar o que tinha constituído, o resultado de uma grande soma de trabalho – e por que não dizer, de sacrifícios –, já que passei seis anos, praticamente acordado, nos trabalhos do telégrafo, para estudar medicina. Não quis aceitar nenhuma insinuação, nenhum convite. Voltei para Belo Horizonte, reassumi o meu consultório e reiniciei minha vida profissional.

Houve um episódio, ocorrido logo depois, quando o general Barcelos comemorava seu aniversário. Todos aqueles oficiais do Exército que trabalhavam sob as suas ordens num setor do túnel, deliberaram prestar-lhe uma homenagem. Com grande surpresa para mim, mandaram me convidar – eu, um jovem e modesto capitão da polícia de Minas – para ser o orador da manifestação aqui no Rio de Janeiro. Considero esta uma das demonstrações mais comovedoras e mais tocantes que já recebi, de velhos generais, coronéis, ilustres militares daquele tempo, que me concederam esta grande distinção.

A vida prosseguiu no meu consultório. O ano de 1932 terminou, entramos em 1933. As imagens do conflito iam-se diluindo no meu pensamento. A política foi-se afastando completamente. Olegário Maciel, o velho governador de Minas – não era tão velho, mas, pela sua aparência de homem gordo, de barbas brancas, cabelos brancos, dava a impressão de ser muito mais velho do que na realidade era.¹⁷ Ele era um homem interessante e merece uma palavra em qualquer reminiscência daquele período.

Um dia, depois que terminou o movimento, e eu já estava no meu consultório, ele me chamou e disse uma coisa que gravei para o resto da vida: “Jovem dr. Juscelino, eu o chamei aqui para lhe agradecer, em nome de Minas, os serviços que o senhor prestou ao Brasil, durante a Revolução de 1932.” Ora, eu era subordinado dele, um oficial da polícia. Aquelas palavras foram altamente exaltadoras para mim, e a imagem de Olegário ficou para

¹⁷ Olegário Maciel tinha 75 anos, quando assumiu o governo de Minas. Deve ser lembrado que seu governo, de início, congregara todas as correntes do PRM, chefiadas por Antônio Carlos, Artur Bernardes e Venceslau Brás.

sempre envolta numa áurea de muita simpatia, de muita sensibilidade. E ele tinha qualidades.

É muito conhecido aquele episódio que todas as histórias do período relatam, dos gaúchos chegando em Belo Horizonte em 1930, querendo fazer a Revolução. Antônio Carlos havia assumido o compromisso com a Revolução, mas no dia 7 de setembro de 1930, ele passou o governo para Olegário Maciel. Olegário tinha um longo período de governo pela frente. Washington Luís, querendo fazer as pazes com Minas, mandou retirar todas as tropas federais que estavam no estado; agradou muito Olegário, fazia tudo para restabelecer as relações de confiança entre o governo federal e o governo de Minas.

Pois bem, os gaúchos chegaram em Minas. O grande Osvaldo Aranha, João Neves, Lindolfo Collor e outros, foram dizer ao velho Olegário que o Rio Grande do Sul não aceitaria o que Washington havia feito: a degola dos deputados do Rio Grande, de Minas, da Paraíba, e a espoliação da eleição de Getúlio. Estavam dispostos a caminhar para uma Revolução, mas queriam saber qual seria a atitude de Minas, uma vez que Antônio Carlos havia assumido um compromisso de caminhar nessa direção, mas Olegário estava recente no governo, e eles não conheciam seu ponto de vista. E é conhecida aquela frase de Olegário, que é uma frase que ficaria bem na boca de qualquer grande capitão da antiguidade, fosse Napoleão ou Alexandre: “Marquem o dia e a hora.” Três de outubro, às cinco horas da tarde. Neste dia, nesta hora, Olegário iniciava em Minas a Revolução, que trouxe Getúlio para o poder da República. É um velho que merece as nossas homenagens.

Mas, 1933 corria tranqüilamente. As grandes agitações haviam cedido, em parte. E, embora houvesse ainda fermentações políticas decorrentes da própria Revolução, Getúlio, com sua habilidade, as ia dominando. Ele estava em Recife, em 5 de setembro de 1933, quando correu o Brasil uma notícia fulminante: Olegário havia falecido.

Eu era assistente da Escola de Medicina e havia ido com um grupo de estudantes, fazer uma viagem a Poços de Caldas, para estudar as águas minerais, verificar suas virtudes, suas qualidades, seu poder medicinal. Era um grupo de 40 estudantes; estávamos lá, quando chegou a notícia da morte de Olegário. Ele faleceu repentinamente, no momento em que tomava banho; faleceu dentro da banheira. Estava comigo, nessa ocasião, meu

cunhado Gabriel Passos, que era oficial-de-gabinete de Olegário¹⁸ e que, mais tarde, iria concorrer comigo no pleito para o governo de Minas. Gabriel me disse: “Eu tenho que ir imediatamente para Belo Horizonte, para assistir ao enterro de Olegário.” Àquele tempo – foi antes do governo JK –, não havia uma estrada em Minas Gerais; o sul de Minas era completamente isolado de Belo Horizonte, não havia como se viajar. Mas Gabriel, diante da premência do tempo, deliberou fazer um esforço fora de propósito, e me convidou para ir com ele. Aceitei imediatamente. Pegamos um automóvel em poços de Caldas e, por estradas nunca d’antes trafegadas, nós rumamos pelo sul de Minas, com as maiores dificuldades, dia e noite, até atingirmos a cidade de Oliveira, onde havia estrada de ferro. Nesta cidade, pegamos o trem e, finalmente, depois de quase 40 horas de viagem, chegamos a Belo Horizonte. Gabriel foi imediatamente para o Palácio e eu, de longe, porque não fazia parte de nenhuma atividade política, acompanhei todos os acontecimentos, até o enterro de Olegário.

Após a morte do presidente, começou uma grande agitação no estado de Minas. Gustavo Capanema era secretário do Interior do presidente Olegário. Tinha, nessa ocasião, cerca de 33 anos, era um jovem de grande talento, muito inteligente. Passara pela Escola de Direito de Belo Horizonte, deixando a fama de ser um dos homens de maior cultura e de maior inteligência que os bancos acadêmicos daquela faculdade conheceram. Veio aureolado por um respeito que lhe dava grande autoridade. Francisco Campos – depois foi o homem do Estado Novo, foi ministro da Educação, ministro da Justiça, e que o povo designava pejorativamente como *Chico Ciência* –, que tinha sido seu professor na Escola de Direito, e que, nessa ocasião, era ministro de Getúlio Vargas, trouxe Capanema para ser oficial-de-gabinete de Olegário.¹⁹

Passados alguns meses da Revolução de 1930, houve em Minas, como todo mundo sabe, o que ficou conhecido como o *Dezoito de Agosto*.²⁰ Os políticos se reuniram – nesse momento, Artur Bernardes estava também no meio deles – para pedir ao governo da República que tirasse Olegário Maciel do governo de Minas, querendo, com isso,

¹⁸ Gabriel Passos era oficial-de-gabinete do secretário do Interior Cristiano Machado e, depois, secretário particular de Olegário.

¹⁹ Capanema formava com Francisco Campos e Amaro Lanari (secretário de Finanças de Olegário), o “bloco da montanha”, inspirador da Legião de Outubro, ao mesmo tempo contra os bernardistas e os tenentes.

demonstrar que era necessário uma renovação, e que a Revolução não penetrara em Minas. Osvaldo Aranha, no Rio de Janeiro, deu instruções ao comandante do Exército lá em Belo Horizonte, para ir ao palácio, comunicar a Olegário que tinha sido decretada a intervenção em Minas, e que ele deveria deixar o governo.

Olegário foi de uma grande dignidade. Recebeu o coronel de madrugada e lhe disse tranqüilamente: “Eu fui eleito pelo povo mineiro e não vejo nenhum motivo para ser afastado do governo. Recuso-me a aceitar sua intimação, e vou entender-me com o governo federal.” Nesse intervalo, Getúlio foi informado do que estava ocorrendo em Minas; apoiou o velho, e ele continuou no governo.

Nesse movimento, que ficou conhecido como *o golpe de 18 de agosto de 1931*, Osvaldo Aranha ficou muito ligado a Virgílio de Melo Franco, que era um jovem mineiro, muito inteligente, combativo, e que tinha prestado extraordinários serviços na Revolução de 1930. Por isso mesmo, tinha adquirido uma posição de liderança muito grande, na fase inicial da Revolução.

Morre Olegário Maciel. Capanema estava, como se diz, à espera da caça. Era secretário do Interior, o homem que, pelos estatutos da época – porque não havia Constituição – substituía o chefe do governo.²¹ Capanema foi automaticamente levado ao governo do Estado.²² Foi muito bem recebido, porque, embora tivesse apenas 33 anos, era respeitado pela sua inteligência; era um homem de grande responsabilidade, de grande compostura, foi muito bem aceito mesmo. E com uma coincidência: desaparecia um homem de quase 80 anos, para entrar um jovem quase adolescente, de 33 anos.

Capanema – aí fêltou-lhe o tino da política – não quis compreender que precisava ajudar Getúlio, porque, logo em seguida, travou-se uma grande luta entre Capanema e Virgílio de Melo Franco. Virgílio, candidato de Osvaldo Aranha para interventor de Minas, e Gustavo Capanema, pela própria circunstância, já interventor de Minas e apoiado por Flores da Cunha e outros políticos que, naquela época, eram os grandes líderes da

²⁰ Convenção dos políticos do PRM, que julgavam poder contar com o apoio do governo provisório. O golpe fracassado ficou conhecido como “o lamentável equívoco”.

²¹ A Constituição de 1891 havia sido contestada pela Revolução de 1930 e uma série de decretos regulavam, entre outros, a escolha dos chefes do Executivo dos estados.

²² Gustavo Capanema foi interventor interino de Minas Gerais entre setembro e dezembro de 1933, até a nomeação de Benedito Valadares.

Revolução. Todos os amigos de Capanema aconselhavam: “Capanema, administre o estado sem pensar na sua efetivação no cargo, porque depois ela virá automaticamente.” Mas o Capanema: “Não, não posso, fico sem autoridade.” Ele gostava muito de falar enfaticamente, para dar mais força ao seu pensamento e, às vezes, repetia muito as palavras, para dar-lhes mais força. Acredito que isto o tenha prejudicado muito, porque ele passou a repetir: “Não, não posso; não terei autoridade para governar Minas, nem para fazer o orçamento do Estado, se Getúlio não me der uma prova de apreço e de confiança, qual seja, a minha nomeação.”

Nesse intervalo, tinha havido a eleição para deputados federais em Minas, e tinham sido eleitos no partido do governo, que se chamava PP – Partido Progressista – 28 deputados. Minas tinha, naquela ocasião, 37 deputados. Benedito foi o último da fila dos deputados do partido do governo. Quando veio do túnel, Benedito pediu a Dorneles que falasse com Getúlio para lhe dar o emprego que ele queria: “Ah, eu desejo ir para o Rio. Minha senhora” – a senhora do Benedito, d. Odete, é uma senhora de alta distinção – “é do Rio, ela gostará de morar no Rio; eu gostaria de ir para lá.” Mas, quando contou isso a Olegário, ele foi muito correto e disse: “Não, Benedito, você não vai para o Rio. Você vai ficar aqui; vou incluí-lo na chapa para deputado. Você vai ser eleito deputado, você é político, de família de políticos.” E assim, Benedito foi eleito,²³ mas o último da chapa. Não tinha prestígio nenhum, essa é a verdade.

A luta começou a ficar travada. De um lado, um grupo com Virgílio; do outro, um grupo com Capanema. A coisa foi extremado, foi-se aprofundando, o sulco foi alargando e no fim de 40 ou 50 dias, já ninguém se entedia, de um lado e de outro.

M.V. – O senhor falou que Virgílio de Melo Franco era apoiado por Osvaldo Aranha?

J.K. – Virgílio era apoiado fortemente por Osvaldo Aranha, que era um grande líder, na ocasião. E Flores da Cunha apoiava Capanema.²⁴

²³ Eleições de 3 de maio de 1933.

²⁴ Osvaldo Aranha ocupava, na época, a pasta da Fazenda (até 1934) e Flores da Cunha era interventor no Rio Grande do Sul.

M.V. – Quer dizer, então, que os gaúchos também estavam divididos?

J.K. – Os gaúchos estavam divididos. E Getúlio balançando, no meio dos dois.

Quando Benedito foi eleito deputado, foi visitar Getúlio e lhe disse que estava às ordens. Getúlio disse a Benedito: “Vá a Minas e procure Capanema em meu nome. Diga-lhe que administre o estado e não se preocupe com a nomeação; que faça o orçamento”- estava na época do orçamento – “e depois eu darei a solução, o nomearei. Agora, com esse conflito, está muito difícil para uma decisão minha.”

Benedito foi para Belo Horizonte e tentou muito falar com Capanema. Mas ele tratava Benedito com muita superioridade. Eles o consideravam um homem de poucas letras e, como eles eram de muitas letras, tinham desprezo e desapeço por pessoas que eles categorizavam assim. Não recebeu Benedito.

Benedito procurou o saudoso Carlos Luz, que era secretário de Agricultura, e falou: “Eu vim com uma missão de Getúlio, pejei para falar com Capanema, ele nem sequer me deu a atenção de me receber. Vou voltar para o Rio, e transmitir a Getúlio que ele não quis receber-me. Ele que se arranje.” Luz telefonou para Capanema e, antes de Benedito ir para a estação – naquele tempo, a gente viajava de trem de ferro – Capanema colocou gente atrás dele.

Levaram Benedito para o palácio, e ele transmitiu a Capanema o recado de Getúlio. Capanema deu a mesma resposta: “Não posso aceitar; minha posição aqui não permite que eu fique nessa situação vexatória.” E deu uma série de argumentos, que hoje ele não teria mais, com a experiência que tem.

É o que eu digo sempre: há dois fatores fundamentais para o homem público, a intuição e a experiência; esses dois somados fazem uma personalidade. Mas Capanema não tinha intuição.

Benedito chegou ao Rio, foi a Getúlio e transmitiu o recado de Capanema.

A luta continuou. Antônio Carlos, que era um dos líderes da política mineira, presidente da Constituinte, também manobrava muito. Afinal, Getúlio resolveu pedir uma lista, para escolher os nomes. Ele tinha que fazer uma encenação qualquer, para fugir da nomeação de Virgílio. Ao que me parece, ele não queria Virgílio, por causa de Osvaldo Aranha. Naquela ocasião, entregar Minas nas mãos de Osvaldo, era dar-lhe muita força.²⁵ Getúlio chamou Antônio Carlos e disse: “Apresente-me uma lista de sete políticos mineiros para eu escolher, dentre eles, o futuro interventor.” Antônio Carlos saiu, reuniu todos e fez uma lista dos grandes nomes de Minas Gerais: o dele próprio, Capanema, Virgílio, Venceslau Brás, Mendes Pimentel (que era uma grande figura em Minas, advogado famoso) e mais dois ou três nomes igualmente famosos, e levou para Getúlio.²⁶

Getúlio leu a lista, e disse: “Há um rapaz que esteve na Revolução com Dorneles, concunhado dele. Vocês não poderiam colocá-lo na lista?” Antônio Carlos disse: “Quem é, presidente?” Respondeu Getúlio: “É só para compor a lista, para aumentá-la um pouco; chama-se Valadares.” Antônio Carlos disse: “Ah, Benedito Valadares. Pois não, presidente, eu colocarei o nome dele na lista.”

Antônio Carlos chegou em casa, mandou chamar imediatamente Benedito e disse: “Benedito, meus parabéns, você vai ser interventor em Minas.” Benedito caiu para trás: “O que é isso, presidente? O senhor está pilheriando comigo?” Ele disse: “Tenho certeza de que você vai ser.” E contou o episódio.

M.V. – O único nome lembrado por Getúlio foi o de Benedito Valadares.

J.K. – Ao chegar em casa – nesse tempo, ele morava na rua Bambina, em Botafogo –, Benedito encontrou um recado do ajudante-de-ordens do presidente Getúlio Vargas, pedindo a ele que ligasse imediatamente para o Palácio Guanabara. Ele tomou um susto. Ligou, não encontrou o assistente militar e resolveu ir diretamente para o Guanabara. Chegou lá, o assistente o recebeu, muito amável (ele também estranhou aquela gentileza),

²⁵ Ao que parece, Getúlio considerava que Osvaldo Aranha já obtivera uma grande vitória, com a nomeação de Armando de Sales Oliveira, em São Paulo.

dizendo: “O presidente o esperou durante muito tempo, mas agora ele já se recolheu, e disse que o senhor voltasse aqui amanhã, pela manhã.” Benedito foi para casa e, é claro, não dormiu, ansioso para saber o que Getúlio queria, sobretudo depois do alarme dado pelo presidente Antônio Carlos.

No dia seguinte, de manhã, ele foi para o palácio. Ao chegar, foi logo introduzido no gabinete do presidente Getúlio Vargas, que lhe disse: “Chamei o senhor aqui, para o senhor me dar uma informação sobre os homens públicos de Minas, porque eu não tenho muita intimidade, e não os conheço bem. O que o senhor pensa de Venceslau Brás?” Disse Benedito: “É um nome nacional, de grande projeção, é uma figura que o país inteiro conhece. Mas o senhor está querendo essas informações com que pensamento, presidente?” Getúlio respondeu: “Porque Antônio Carlos me trouxe uma lista, e o nome dele está nela.” Benedito falou: “Então, o senhor vai permitir que eu lhe dê minha opinião com toda a sinceridade. Não acho que Venceslau seja o homem para ser interventor em Minas, porque já foi presidente da República, tem uma grande projeção no país, e o senhor teria que tratá-lo com uma consideração que estabeleceria uma grande distância entre os dois. O senhor precisa de um homem de confiança em Minas, presidente. Apesar de todas as virtudes que ele tem, politicamente eu não acho vantajosa a sua nomeação.”

Getúlio perguntou: “E Antônio Carlos?” Benedito foi dando informações. Ele era muito sagaz, sabia fazer uma *mise au point*, o alvo na política. Excessivamente malicioso, às vezes pecava por excesso de cuidados, mas nunca perdeu por carência de cuidados.

Benedito chegou a um ponto tal, que Getúlio virou-se para ele e perguntou: “E você, Benedito? O que você pensa a seu próprio respeito?” Respondeu Benedito: “Olhe, presidente, o pessoal lá em Minas, os políticos que convivem comigo, acham que eu sou burro. Não sou burro não, presidente. Pelo contrário, se o senhor conviver comigo, verá que não sou. Sou um homem inteligente, sagaz, conheço bem política, vejo bem as coisas, e sei a cor que elas têm. Posso não ter cultura, porque nunca cuidei desse assunto. Tive uma vida de muita luta, como advogado do interior, fazendo política no interior, o tempo todo absorvido com essas coisas. Mas sou muito correto no pagamento das minhas dívidas, nos meus negócios particulares. Sou um pouco boêmio, gosto de um drinquezinho. Isso é o que

²⁶ Da lista constavam, ainda, os nomes de Odilon Braga, Licurgo Leite, Pedro Aleixo, Augusto Viegas, Raul

posso dizer. Agora, sou um homem que sabe ser fiel aos seus amigos e sabe guardar as amizades. É a informação que posso lhe prestar a meu respeito.”

Então, Getúlio disse: “Benedito, você vai ser interventor em Minas. Você não vai contar isso nem à sua mulher; vai ser um segredo total, até que eu o liberte do segredo.” Benedito quase caiu para trás: “Presidente, eu não sei se o senhor está certo fazendo isso, mas pode contar com um amigo”... Fez as declarações que convinham, no momento.

M.V. – Um ponto que não ficou muito claro foi a razão por que Getúlio Vargas recorreu a Benedito Valadares. Qual era o contato anterior entre os dois?

J.K. – Não havia nenhum contato. A senhora do Benedito, d. Odete, é irmã da senhora do major Dorneles, que depois virou general, governador do Rio Grande do Sul e foi meu ministro da Agricultura.²⁷ Os dois eram concunhados. Quando acabou a revolução, Dorneles pediu a Getúlio um emprego para Benedito, aqui no Rio, como eu lhe falei. Deu informações a respeito dele e, como Getúlio não conhecia ninguém na bancada mineira, deve ter pensado: “Esse homem é ligado a Dorneles, que é meu parente, meu amigo. É um homem que vai ficar muito ligado a mim; vou contar com ele.” Como efetivamente contou, enquanto teve força; durante 12 anos, Benedito foi interventor em Minas.

Benedito saiu do palácio, chegou em casa, e contou, então, a seguinte pilhéria. Benedito era muito boêmio, gostava muito de tomar um uisquezinho, uma cerveja. Isso no começo; depois, como governador, não – faço essa justiça; ele passou a não beber absolutamente nada, mas, nessa ocasião, gostava. Disse a d. Odete: “Odete, sabe o que aconteceu? Fui convidado para ser interventor em Minas.” Aí d. Odete falou: “Benedito, eu sempre disse que você não deve beber.” [risos]

[FINAL DA FITA 2-A]

de Sá e Noraldino Lima.

²⁷ Ernesto Dorneles foi ministro da Agricultura de 31 de janeiro a 27 de setembro de 1956, representando o PTB do Rio Grande do Sul.

J.K. – Benedito passou vários dias dono do segredo. Houve um episódio interessante. Ele se encontrou com Alkmin e João Beraldo, ambos deputados por Minas Gerais. Os três conversaram: “Quem vai ser, quem não vai ser”... Disse Benedito: “Vamos fazer um pacto. Aquele que for nomeado, convida o outro para secretário.” Beraldo disse a Benedito: “Topo o pacto. Se eu for nomeado, você será meu secretário.” Benedito aceitou. Alkmin – este foi um dos seus poucos atos de inabilidade que eu conheço; esse fato me foi contado pelo próprio Benedito – virou-se para Benedito e disse: “O que é isso, Benedito? Você também já está sonhando.” Não topou a conversa. Benedito sempre guardou mágoa de Alkmin. Benedito era muito sensível.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.K. – Eu estava contando aquele episódio do pacto, que me foi contado pelo próprio Benedito. Beraldo aceitou logo a proposta, e Alkmin praticou esse ato, que não era próprio dele, com a sagacidade que tinha. Disse: “O que é isso, Benedito? Você também já está sonhando com a interventoria?” Benedito guardou dele uma mágoa, tanto que, quando foi nomeado, convidou Beraldo para secretário e, mais tarde, indicou-o para interventor em Minas, quando houve aquele barulho grosso em 1945. Beraldo foi interventor, indicado por Benedito, que guardou com gratidão aquela atitude de Beraldo com ele.

Mas passados uns dias, estourou a notícia. A nomeação de Benedito saiu do segredo total para as luzes da publicidade. Eu me lembro de que estava lá em casa, em Belo Horizonte, quando Gabriel Passos, que era deputado federal, me telefonou: “Sabe quem foi nomeado interventor em Minas?” Eu disse: “Não. Foi você?” Pensei que fosse ele. Ele disse: “Não, Benedito Valadares.” E deu uma gargalhada.

Todos receberam a nomeação de Benedito com uma gargalhada, ninguém esperava. Benedito não tinha, naquela altura, gabarito nenhum para... Um governador, um presidente de Minas era uma coisa muito importante; quase um presidente da República. Quando Gabriel disse isso, eu disse: “Olhe, Gabriel, eu sou muito amigo dele e fico feliz com a

notícia.” Mais tarde, Gabriel me dizia: “A única pessoa que recebeu a nomeação de Benedito sem pilheriar, sem fazer nenhum humor, foi você.” Mais tarde, quando Benedito me chamou para trabalhar com ele, Gabriel dizia: “Esse Benedito faz bem, porque foi o único.” [risos]

Mas foi nomeado, e houve aquele escândalo, aquela gargalhada em Minas. Os próprios jornais publicavam: “Minas inteira dá gargalhadas.” Foi uma coisa.

Benedito chegou em Belo Horizonte e eu estava trabalhando no consultório. Na hora do almoço, mandou chamar-me no palácio. Fui. Nunca tinha entrado lá; foi a primeira vez. Benedito me disse: “Juscelino, eu mandei chamá-lo porque você vai ser secretário da interventoria” – equivalia a chefe-de-gabinete. Eu disse: “Não posso aceitar. Lamento profundamente, mas não vou deixar minha profissão; eu não tenho objetivos políticos. E depois, você sabe como é essa coisa: eu tenho uma clínica boa, que me custou muito esforço e muito sacrifício. Até hoje, minha vida foi uma tourada, para chegar ao ponto que tenho hoje, dentro da minha classe e da profissão. Colaborarei com você em tudo que puder, mas sem deixar a minha profissão.” Ele falou: “Deixe disso, que bobagem! Medicina é uma porcaria” – ele adorava política – “e você vai ser deputado. Na primeira eleição, você será deputado e vai para o Rio de Janeiro. Vai ter muita atuação na vida; não vai ficar trancado dentro de uma salinha dia a dia, ano e ano; isso não.” Eu insisti: “Não; eu agradeço muito, fico muito sensibilizado, mas não posso aceitar.”

Voltei para casa e falei com Sara. O pai dela tinha sido deputado durante 30 anos.²⁸ Quando Bernardes foi eleito presidente de Minas, entrou com aqueles propósitos que se usavam antigamente, ao entrar um novo governador: “Vamos fazer uma renovação, tirar os elementos velhos, vamos trazer os jovens, vamos fazer isso e aquilo.” E o pai de Sara foi sacrificado; Bernardes o cortou da chapa de deputado. Ele era um homem que, nessa altura, tinha 62 anos, era relativamente jovem. Mas teve um trauma tão grande, que morreu, em consequência disso. E Sara, como toda a família, passou a olhar política como instrumento de matar os outros. Tomou horror de política.

²⁸ Deputado Jaime Gomes de Souza Lemos.

Quando eu falei que Benedito me convidara para trabalhar com ele, como chefe-de-gabinete, ela viu que era o começo de uma carreira política, é claro, e disse: “Não vá, não vá”... Eu respondi: “Eu sei, Sara; não vou.”

Fui para o consultório, trabalhei até as seis e meia e, como era meu hábito, fui ao hospital. Cheguei em casa às sete e meia da noite. Oito horas, estou jantando, quando chega o coronel Valadares – tinha o mesmo nome de Benedito, mas não era parente dele; chamava-se Quintiliano de Campos Valadares, e era chefe da Casa Militar – e me diz: “Dr. Juscelino, eu vim aqui para lhe falar o seguinte, por ordem do Dr. Benedito Valadares: ele quer que o senhor seja chefe da Casa Civil, secretário da interventoria.” Eu falei: “Mas, coronel, eu já disse ao interventor que eu não posso aceitar, não posso.” Ele insistiu: “Mas ele me deu ordens, Dr. Juscelino; eu sou militar e cumpro ordens. Eu tenho que ficar aqui sentado na sua sala até que o senhor concorde. [risos] Se for preciso passar a noite inteira aqui, eu serei obrigado a passar, porque não posso descumprir as ordens, eu tenho noção...” Eu falei: “Mas eu telefono para Benedito, explico a ele, e libero o senhor dessa incumbência.” Ele recusou: “Não senhor, eu tenho que cumprir as ordens.”

Às dez horas da noite, eu vi que não convenceria o coronel a ir embora; então, falei: “Coronel, vamos fazer um coisa. Eu vou com o senhor ao palácio, encontro Benedito e converso com ele.” Subimos, mais ou menos às dez e meia da noite e, para surpresa minha, pois Benedito se deitava muito tarde, estava todo o palácio apagado. O coronel disse: “O governador já se deitou, às dez e meia.” Eu falei: “Está bem. Dou-lhe minha palavra de que amanhã cedo converso com o interventor, transmito a correção da sua atitude, e o senhor fica resguardado.” Foi embora, e eu fui para casa.

No dia seguinte, nós íamos inaugurar, no hospital militar do qual eu fazia parte, o retrato de Olegário Maciel, recém-falecido. O orador da inauguração seria Gustavo Capanema, que tinha passado a interventoria para Benedito naquele dia. Era, então, o dia seguinte à deposição de Capanema, um negócio desagradável.

Fui para o hospital militar e fiquei atrás de todos os médicos, para não fingir intimidade. Não cheguei perto de Benedito, pois pensei: “Vai parecer que estou querendo fazer exibição de intimidade.”

Eu era íntimo de Benedito. No período que mediou entre o túnel e sua nomeação, dois anos, nós nos encontrávamos quase diariamente. Ele morava em Pará de Minas; vinha a Belo Horizonte, ia ao meu consultório e nós saíamos juntos. Passávamos no bar do Grande Hotel, tomávamos um drinque, conversávamos; éramos amigos íntimos.

Mas, na inauguração, eu não me aproximei de Benedito; fiquei lá no fundo. Capanema falou. Aliás, ele fez uma beleza de discurso. Estava emocionado, vibrando com seu infortúnio político; tirou de dentro de si ensinamentos filosóficos e políticos formidáveis. Foi um discurso que eu tinha vontade de reler hoje, por causa da impressão que me causou, naquele momento.

Quando ele terminou, Benedito disse também umas palavras. Começou saudando a memória de Olegário e depois, virou-se para o corpo médico do hospital - nós devíamos ser uns 50 ou 60 médicos - e disse: “A prova do meu apreço por esta instituição está na medida que adotei ontem. Vai ser chefe do meu gabinete um companheiro de vocês, o Dr. Juscelino Kubitschek.” [risos]

M.V. - Nomeação a muque. [risos]

J.K. - A muque. Aí foi aquela torrente de palmas, e eu fiquei miudinho, lá no fundo. Quando ele terminou, todo o mundo me abraçou e, na saída, Benedito me pegou e disse: “Você vai comigo no carro.” Entramos no carro, eu, ele e Capanema.

Passou-se, então, um episódio que teve uma importância considerável no desdobramento da vida de Capanema. Eu disse a Benedito: “Você me criou uma situação difícil com essa publicidade que deu, porque eu não podia aceitar. É uma distinção muito grande, porque não é a minha carreira, não é o que eu queria.” Então, ele disse: “Não se preocupe. Fique comigo um mês, me ajuda porque eu não conheço ninguém aqui em Belo Horizonte. No fim de um mês, você sai.” Foi a solução que ele deu na hora. Aí Capanema começou a doutrinar Bendito, dizendo: “Governo é uma obra de cultura. Não há homem sem cultura que possa governar estado ou nação, e você é um homem inculto. Você precisa cercar-se de homens que tenham cultura, para poder desempenhar essa missão que o

presidente lhe deu.” Benedito se queimou e disse: “Olhe, Capanema, eu tenho três livros lá em casa, e vou jogar os três fora.” [risos]

Criou-se um mal-estar no automóvel, e eu entrei com uma conversa, para desviar o assunto. Como as distâncias em Belo Horizonte são pequenas, rapidamente passamos pela porta de Capanema. Benedito mandou parar o carro, ele saltou, e nós fomos para o palácio. Quando chegamos, Benedito disse: “Você já viu um homem que não tem nenhuma habilidade? Veja se esse homem pode ser alguma coisa neste país, com esta inabilidade, com esta estupidez, com esta burrice! Burro e inculto é ele!”[risos] Realmente, foi um negócio que não tinha mesmo propósito.

M.V. - Mas, por que o senhor acha que isso foi importante na carreira de Gustavo Capanema?

J.K. - Pelo seguinte: Capanema ficou com “capim crescendo na porta dele”, como se diz em Minas, isolado em sua casa, um homem sempre admirado. Mas você sabe como é, o pessoal começou a pensar que o Benedito estava contra ele; começou aquele cuidado: procurar o Capanema à noite quando não tinha gente para contar... [risos]

Esse episódio que estou contando foi em dezembro de 1933. Em 1934, Getúlio foi eleito presidente da República; houve a elaboração da Constituição e ele foi eleito pela própria Constituinte. Nesta fase, ele ia escolher seu ministério, e Capanema queria ser ministro da Educação. Capanema era muito amigo da minha sogra, porque ele era muito amigo de Gabriel Passos, meu concunhado; portanto éramos genros da mesma sogra. Isso tinha determinado uma grande amizade entre a minha sogra e Capanema. Ele freqüentava a casa, mas eu não tinha intimidade com ele.

Quando viu que Getúlio ia organizar o ministério, Capanema me chamou, uma noite. Eu achei muito importante ele me chamar, nunca tinha me dado a menor importância. Fui para a casa dele, às nove horas da noite, e saí às três da madrugada. Eu fiquei sentado, e ele andava de um lado para o outro, a noite inteira. Senti que ele estava num estado de preocupação terrível, e me dizendo o seguinte: “Olhe, Juscelino, você vai me ajudar.”

Pensei: “Sim senhor, Capanema me pedir para ajudá-lo. Ontem, eu era um capitãozinho da polícia e ele, governador de Minas. Hoje, está aqui, me pedindo para ajudá-lo. Como a vida muda!” Ele continuava: “Se Benedito não se opuser à minha nomeação para ministro da Educação, Getúlio me nomeia. Se ele colocar a menor dificuldade, sei que Getúlio não me nomeia. Eu conheço Getúlio; ele não vai criar o menor problema com Minas, apesar de Benedito ser um homem nomeado por ele, delegado dele. Mas, se Benedito chegar lá e der razões, que convém nomear outro e tal, ele vai aceitar as razões de Benedito. Você tem que fazer esse trabalho para mim.”

Durante dois ou três meses, era constante essa conversa de Capanema comigo: “Você tem...” Eu passei, então, a fazer um trabalho muito bem feito para Capanema, porque, se eu dissesse: “Benedito, você tem que ajudar o Capanema, você não pode deixar de ajudar”, não daria certo. Era um trabalho jeitoso; eu tinha que apelar para a sensibilidade dele: “Capanema está sofrendo muito; ele gosta muito de você. É um homem que pode prestar muitos serviços a Minas, e ficará tão grato, Benedito, que você fará um grande amigo; vale a pena e tal.”

Durante uns três meses, fiz esse trabalho, até que um dia, Benedito estava bem humorado, e eu resolvi falar. Ele tratava seus auxiliares com muita superioridade, não dava confiança. Era uma autoridade terrível; menos comigo, porque eu sempre dizia: “Benedito, eu não quero ficar aqui.” Se ele fizesse qualquer coisa, sabia que eu ia embora, de modo que sempre me tratou muito bem.

Nesse dia, eu falei com ele: “Benedito, agora você tem que me dar uma palavra. Eu preciso tranquilizar Capanema; ele anda muito agitado, inquieto, nervoso, não vamos fazer esse homem sofrer mais. Afinal, ele foi seu amigo; disse uma coisa inconveniente, mas é uma bobagem. Posso dizer a ele que, se Getúlio quiser nomeá-lo, você concorda?” Eu comecei assim, e ele disse: “Pode, é claro.”

Contei a Capanema: “Já demos um passo; se Getúlio quiser, Benedito concorda.” Mas aí, Capanema disse: “Já é um grande passo, mas você tem que conseguir que Benedito indique meu nome.”

Voltei ao trabalho, e consegui que ele indicasse Capanema. Getúlio queria realmente nomeá-lo; assim, as duas vontades se somaram e Capanema saiu ministro, depois

de dez meses de agonia. Ficou no ministério durante 11 anos. Foi de lá que ele saiu para ser deputado novamente, senador; senão, ele teria ficado enterrado em Minas, como tantos outros ficaram.

M.V. - No começo, o senhor se referiu à proposição do nome de Virgílio de Melo Franco, apoiado por Osvaldo Aranha. Este é um ponto que me interessa, porque há uma idéia corrente em alguns estudiosos desse período, de que o grupo de Virgílio teria perdido uma grande oportunidade, pelo fato de não ter apoiado Getúlio Vargas, nessa ocasião e depois. Eu gostaria de saber o que aconteceu com Virgílio, porque, afinal de contas, era de uma família importante de Minas, de políticos tradicionais.

J.K. - Virgílio era uma grande figura, sem dúvida nenhuma. Um homem de grande valor, um jovem enérgico, autoritário, corajoso, tinha grandes virtudes. Mas eu não sei por que Getúlio esfriou com ele, essa é a verdade.

Virgílio era um homem muito independente. Por exemplo, depois daquele golpe frustrado de 18 de agosto, Bernardes tomou a posição de São Paulo, com João Neves. (João Neves foi para São Paulo: “Vim para São Paulo, porque para aqui se transferiu a alma cívica da nação”, aquela frase famosa dele.) Bernardes veio para o Rio e ficou preso num navio, porque ia embora para o exílio – esteve no exílio dois anos, em Portugal. Virgílio foi a bordo visitá-lo, com muita publicidade, uma coisa de que Getúlio, naturalmente, não haveria de gostar. Além disso, Virgílio deveria sua nomeação não a Getúlio, mas a Osvaldo Aranha, essa é a verdade. Ficou publicamente estabelecido que ele era o candidato de Osvaldo Aranha. Isso é um erro grave, porque o sujeito vai nomear, e fica sabendo que o nomeado não deve nada a ele, e sim a outro...

M.V. - Então, para usar a sua expressão, não foi propriamente Virgílio e seu grupo que esfriaram em relação a Getúlio, e sim o contrário. Foi Getúlio quem esfriou em relação a Virgílio.

J.K. - Foi. Agora, Virgílio era um homem muito afirmativo. Depois disso, ele rompeu mesmo com Getúlio; morreu anos depois,²⁹ inimigo de Getúlio. Mas Virgílio foi uma grande figura, eu o admiro.

Voltando ao fio da conversa, pus-me a trabalhar no Palácio da Liberdade. Saí de um consultório médico para sentar num gabinete, onde recebia centenas de pessoas por dia. A experiência que trouxe foi fantástica, porque, no consultório, tinha que ter a paciência de ficar o dia inteiro ouvindo uma pessoa: “Como é seu nome, quantos anos você tem, quem é seu pai, quem é sua mãe, que doenças você já teve, qual é o histórico, o que você está sentindo, desde quando, quais são os sintomas”... Quer dizer, fui apurando a paciência, a tolerância, para esse inquérito, para essa confissão.

Quando eu me sentei lá na mesa e vinha aquela “legião”, todo o mundo ficava impaciente, mandando embora: “Amanhã, volte amanhã, eu vou ver, hoje não é possível, não tenho tempo.” Eu me sentava ali, com muita paciência. Chegava às oito horas da manhã e saía às dez, 11 horas da noite, com aquela calma: “O que que o senhor deseja?”...

No fim de alguns meses, a “legião” já ia só para me procurar, não ia mais para procurar Benedito. Eu encaminhava tudo; se era o secretário tal que tinha que resolver, telefonava para o secretário, mandava papeleta, mandava isso, mandava aquilo. Assumi a posição do sub-governador, que, afinal, é o papel do chefe-de-gabinete. Muito leal a Benedito, mas atuando. Para ele foi um alívio; largou aquela função inteiramente nas minhas costas. Ele só lidava com os altos políticos, com a política alta. Essa cozinha da política municipal, o prefeito, o presidente do diretório, o vereador, o delegado, esse negócio cacete da política, eu digeriria aquilo tudo ali; resolvia com a maior tranquilidade, tratando muito bem, dando boas gargalhadas com os sujeitos. Eles saíam de lá encantados.

M.V. – Aliás, o senhor já sugeriu, numa outra conversa, a importância da vida política nos municípios e como isso vai refletir-se, depois, na sua experiência.

²⁹ Virgílio de Melo Franco morreu assassinado a 29 de outubro de 1948.

J.K. – É muito difícil um homem sair de Diamantina, filho de uma viúva, pobre, para chegar à presidência da República. É preciso ter um feitio muito especial de comunicação, senão não vence as dificuldades que eu tive que vencer. Primeiro, tive que vencer as dificuldades de baixo, depois as médias, e, finalmente, as de cima. Eu tive que enfrentar todas, porque enfrentei as dificuldades decorrentes da situação política municipal, estadual, federal, militar; tudo foi um conjunto. E mais tarde, internacional também. Com o meu temperamento, saí-me sempre tranqüilo de tudo; nunca me irritei, nunca criei um inimigo, nunca briguei. Passei minha vida dentro da política; e, hoje, não tenho um inimigo pessoal no Brasil. Tive adversários, que hoje já são meus amigos ou, pelo menos, conhecidos. Não há mais um cidadão nesse país que, me encontrando, não me dê um grande abraço. No ano passado, por exemplo, fui convidado para entrar para a Academia Mineira de Letras.³⁰ Dela faz parte o ex-deputado Oscar Dias Correia, da UDN,³¹ um elemento combatente ao extremo; foi o homem que me trouxe de “canto chorado.”

M.V. – Trouxe de quê?

J.K. – “Canto chorado.” É uma expressão lá de Minas, que quer dizer o sujeito sempre ali na mira; quando ele era deputado estadual e eu, governador; depois, ele, deputado federal e eu, presidente. O presidente da Academia Mineira, Vivaldi, chamou-me e falou: “Você tem que falar com Oscar Dias.” Eu disse: “Isso não. Eu tenho receio de ele não gostar. Nunca pude cumprimentá-lo, porque ele não aceita o meu cumprimento, faz de conta que não me vê.” Aí Vivaldi falou com ele: “Oscar, você vai votar em Juscelino, aqui é uma academia, não tem nada a ver com política.” Ele falou: “Para a Academia, eu voto; se fosse política, eu não votaria porque, afinal, ele é um mau político.” Disse Vivaldi: “Quanto a isso, você tem razão; filho de professora pobre lá de Diamantina, que chega a presidente da República, é um mau político.” [risos]

Quando houve eleições em 1934, eu não pedi um voto. O pessoal vivia em cima de Benedito, naquela coisa, naquele desespero. Eu não pedi um voto, nenhum; ninguém pode

³⁰ JK elegeu-se para a cadeira n.º 34 da AML, em junho de 1974.

queixar-se de mim, nenhum deputado. Não fui a nenhum município, só ali dentro do palácio, tratando bem. Na eleição, fui o deputado mais votado, com 32 anos. Fui eleito deputado federal.

M.V. – O senhor foi eleito deputado nas eleições de outubro de 1934, não é?

J.K. – Sim; e vim tomar posse aqui no Rio, em março de 1935. Foi quando comecei uma outra vida, porque nem o Rio de Janeiro eu conhecia. Eu tinha estado aqui duas vezes, ligeiramente, indo para a Europa. Eu conhecia muito mais a Europa do que o Rio de Janeiro. Não tinha tempo, vivia preso no consultório. Naquele tempo, não se usava esse negócio de férias; trabalhava-se o ano inteiro.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

J.K. – Aquele período de deputado, que exerci de 1935 até novembro de 1937, quando Getúlio instituiu o Estado Novo, foi um período em que passei mais tempo em Minas do que no Rio de Janeiro. Eu era secretário do Partido Progressista, que me elegera para a representação mineira e, como a função exigia de mim muita atividade política no estado de Minas, eu desenvolvia minha atividade, e passava mais tempo em Belo Horizonte. Mesmo assim, acompanhei com o maior interesse o mundo largo da política.

Quem vinha da província para o Rio de Janeiro, sentia, em primeiro lugar, o alargamento da grande cidade que recebia os deputados. Hoje o Brasil conta com inúmeras grandes cidades, mas naquele tempo, não; as cidades eram pequenas. Belo Horizonte, por exemplo, tinha apenas 300 mil habitantes. Quando nós chegávamos aqui, ficávamos admirados com a intensidade da vida da cidade. Para todos aqueles homens, que eram eleitos por este Brasil afora, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul, e que vinham para a capital federal, isto constituía quase um prêmio para a vida política.

³¹ Oscar Dias Correia foi secretário do Diretório Nacional da UDN durante o ano de 1965, mas, em outubro, com a edição do Ato Institucional nº 2, abandonou a vida parlamentar, em protesto.

Os três anos em que o Congresso funcionou, no período em que Getúlio Vargas foi presidente da República, foram tranquilos a princípio, mas, aos poucos, tudo se foi tornando agitado. Vários episódios contribuíram para isto. Por exemplo, no fim de 1935 Getúlio já estava desgastado no poder, mas houve a intentona dos comunistas na praia Vermelha e ele, com a sua atitude calma, mas brava, acompanhando os acontecimentos de perto, recuperou um grande prestígio com a opinião pública.

Aquele movimento foi, de fato, um movimento que assustou muito a opinião pública, pela violência com que foi praticado; inúmeros oficiais do Exército foram assassinados dormindo.

Eu me lembro muito bem daquela famosa noite de 25 de novembro. Naquele tempo, eu morava no Hotel Regina, na rua Ferreira Viana. Às quatro horas da madrugada, o telefone tocou; era Belo Horizonte que me chamava. Benedito Valadares, do outro lado da linha, dava-me instruções para que eu procurasse um diretor da estrada de ferro Central do Brasil, o general Mendonça Lima. Saí imediatamente; passei pela casa de Jurandir Pires Ferreira, que era um dos subdiretores da estrada de ferro e que conhecia muito bem o general; portanto, poderia ser meu introdutor naquela grande repartição.

Às cinco horas da manhã, já nos encontrávamos na plataforma da Central do Brasil. Os escritórios da diretoria funcionavam num edifício que dominava o pátio de manobras da estrada de ferro. Tomamos o elevador e subimos. Eu me encontrei com o general Mendonça Lima e lhe disse que o governador de Minas, Benedito Valadares, queria mandar tropas aqui para o Rio, onde estourara um movimento comunista durante a noite, e pedia a ele que mandasse sustar a saída do diurno de Belo Horizonte para o Rio, que partia às seis horas da manhã. O general olhou para o relógio e, imediatamente, deu instruções para que o diurno fosse retido em Belo Horizonte, a fim de receber as tropas mineiras que o governador estava mandando para colaborar com o governo da República, na repressão ao movimento.

Partimos dali para a residência do dr. Pedro Aleixo, que era o líder da maioria na Câmara, muito meu amigo, meu compadre. Comuniquei-lhe o que se estava passando e, juntos, saímos em direção à praia Vermelha, de onde já ouvíamos o ruído de tiros de canhão e de metralhadora. Postamo-nos durante muito tempo num posto de gasolina, que

fica na esquina de uma avenida que dava exatamente em frente ao quartel do 3º Regimento da praia Vermelha, e que hoje já não existe mais; foi demolido exatamente naquela noite, com um incêndio provocado pelo lançamento de bombas dos aviões que sobrevoavam a região. Ficamos muito tempo ali, e tivemos ocasião de presenciar alguns episódios que são realmente bravos, heróicos, de militares. Como, por exemplo, o general José Pessoa, que chegou sozinho com o ajudante-de-ordens, postando-se no meio da avenida asfaltada. Nós víamos as balas ricocheteando pelo asfalto e quase o ferindo. Estávamos todos emocionados e assustados com que assistíamos, mas o general, impavidamente, como se estivesse numa avenida inteiramente tranqüila, marchava na direção do quartel do 3º Regimento. Ao seu lado, o ajudante-de-ordens, logo depois, recebeu um tiro em plena testa, caindo ensangüentado. Outras pessoas correram para socorrer o oficial, que foi retirado numa maca, e o general José Pessoa prosseguiu, com a mesma bravura, com a mesma serenidade e impavidez.

Era ministro da Guerra, nesse tempo, o general João Gomes; era um oficial magro, baixo, de porte reduzido, mas de grande bravura. Da mesma maneira, ele enfrentou as balas com a maior serenidade. Nós assistimos ao espetáculo, protegidos pela bomba de gasolina. Eles estavam realmente expostos ao tiroteio que vinha do 3º Regimento.

Depois que os aviões sobrevoaram durante algum tempo, jogando bombas sobre o quartel, começou um grande incêndio. Nesse momento, Pedro Aleixo, Jurandir Pires Ferreira, eu e outros elementos que estavam ali, deliberamos ir ao Palácio Guanabara para cumprimentar o presidente da República, Getúlio Vargas. Dirigimo-nos para lá, entramos no palácio, e fomos informados de que ele estava num mirante que existe na parte posterior do palácio. Dali, Getúlio, em companhia de seu ministro da Justiça, José Carlos de Macedo Soares (que, mais tarde, seria meu ministro do Exterior),³² contemplava de binóculo o que se estava passando no 3º Regimento. Ficamos ali, até percebermos que o incêndio lavrava furiosamente, até que o prédio cedesse e fosse derrubado. Nesse momento, Getúlio desceu, e nós o acompanhamos. Ele pegou um automóvel, nós fomos atrás, e chegamos até o 3º

³² O ministro da Justiça em novembro de 1935 era o Vicente Rao e não o José Carlos de Macedo Soares, que era ministro do Exterior. Quando Rao deixou o Ministério em janeiro de 1937, para apoiar Armando de Salles, Vargas, com o intuito de dividir a política paulista, colocou José Carlos de Macedo na pasta da Justiça, onde foi substituído pelo Francisco Campos em 9/11/37.

Regimento. Getúlio entrou. Ainda vimos os oficiais que saíam; Agildo Barata e outros saíam presos lá de dentro do quartel.

Getúlio percorreu a ruína do edifício, conversou com várias pessoas e pôde, assim, presenciar o final daquela intentona, que foi realmente de grande gravidade. Ao mesmo tempo que este episódio que acabo de narrar ocorria na Praia Vermelha, ocorria outro em Santa Cruz, com a presença do brigadeiro Eduardo Gomes que, naquele tempo, era um jovem oficial; também foi atacado pelos comunistas, ferido, mas também dominou o movimento. Esse movimento estourou também em Recife e no Rio Grande do Norte.

Depois de dominado todo o movimento, Getúlio, que estava politicamente fraco, reabasteceu-se de prestígio político popular, para ir enfrentando as crises que sobrevieram, os movimentos que ele fez para gerar 1937, que lhe deu a ditadura, permitindo-lhe permanecer no governo por mais oito anos.

O movimento comunista de 1935 teve, portanto, uma influência muito grande no Brasil, porque gerou, de fato, a primeira ditadura que houve nesse país.

Em minha campanha política, eu sempre acentuava que o Brasil era um país feliz, porque, antes da Revolução atual, mesmo a Inglaterra, que é um país modelo, padrão democrático, havia tido, em 1600, uma ditadura de dez anos, nas mãos de Cromwell. O Brasil, até Getúlio Vargas, tinha sido, da sua independência até 1930, um regime de liberdade, um regime democrático.

Mas, passado este movimento de novembro de 1935, os acontecimentos se foram desdobrando, mas já estava plantada dentro do Palácio do Catete a semente do que seria mais tarde o Estado Novo. Getúlio era muito prudente, não conversava, deixava que os outros falassem, mas sempre sabia puxar o cordão na hora certa.

Vários elementos começaram a atuar em seu nome e, em 1937, ele chamou para seu ministro da Justiça em homem realmente inteligente, hábil, ambicioso, que era Agamenon Magalhães, governador de Pernambuco. Agamenon, nessa altura, passou a ser o homem de confiança de Getúlio, o homem que realmente começou a conspiração para a implantação do Estado Novo. Benedito Valadares, por sua vez, muito amigo de Getúlio, homem que Getúlio havia trazido para o poder, passou uma fase distanciado do presidente, porque não tinha sido convertido às idéias que iriam levar o Brasil ao Estado Novo. Tanto que ele

realmente trabalhou e marchou para o lançamento de candidatos que, na ocasião da sucessão de Getúlio, disputavam o pleito pelos partidos existentes.

O panorama do Brasil, como em todos os países, oferece sempre um determinado número de líderes que comandam e dirigem os acontecimentos. Minas sempre teve uma posição destacada, não só por sua importância política, como também por sua tradição e, vamos dizer, pela habilidade com que os mineiros sempre se conduziram na política. Além disso, tinha atrás de si um *back-ground* extraordinário, qual seja, o de ser a terra de Tiradentes, o homem que sonhou com nossa independência, que morreu por ela. Tinha, dentro de seus limites, uma cidade como Ouro Preto, em cujas ruas estreitas e encantadoras se reuniam os incondientes que, sonhando com a independência do Brasil, sacrificaram-se pelo ideal de liberdade de nosso país. Tudo isso compunha para o estado de Minas um espetáculo e uma estrutura que lhe davam força e prestígio.

São Paulo, apesar de ser um estado economicamente mais forte do que Minas – não muito mais forte, naquela ocasião – seus políticos não eram considerados líderes, na expressão da palavra. Era governador de São Paulo Armando de Sales Oliveira, que tinha sido nomeado por Getúlio, logo depois da Revolução de 1932. Havia sido eleito governador do estado e, àquela altura, também se propunha a ser o candidato à presidência da República.

Benedito oscilou muito na escolha do candidato. Juraci Magalhães, governador da Bahia, considerado um líder democrático do país, e Lima Cavalcanti, governador de Pernambuco, também considerado outro líder democrático do Brasil, pleiteavam muito a candidatura de José Américo, que havia chefiado a Revolução no Nordeste, na Paraíba, sobretudo. Havia sido ministro da Viação de Getúlio Vargas, e tinha uma grande situação no país, especialmente no Nordeste, como tem até hoje. Os dois trabalharam Benedito para a candidatura de José Américo.

Nessa ocasião, o governador de Minas resolveu fazer uma excursão pelo rio São Francisco. A excursão tinha mais objetivo político do que qualquer outra coisa. Partindo de Pirapora para Juazeiro, a viagem consumiria oito dias, e Juraci nos esperaria na cidade de Carinhanha, que é mais ou menos o meio da viagem, na fronteira de Minas com a Bahia.

Passamos oito dias dentro de um pequeno navio fluvial, o *Venceslau Brás*. A comitiva do governador era grande.³³ Passamos dias muito agradáveis, vendo, à noite, o poder das estrelas sobre a paisagem. Elas ficavam tão perto da nossa cabeça, que tínhamos a impressão de que podíamos apanhá-las com a mão. Durante o dia, o rio, o silêncio, o sossego das margens, perturbado às vezes pelo ruído de um jacaré ou de um peixe, faziam-nos passar horas admiráveis de repouso e de tranquilidade. Numa rede colocada num dos tombadilhos, eu lia o dia inteiro. Os outros, geralmente, jogavam cartas, mas eu nunca fui afeiçoado ao jogo, e meu *hobby* preferencial sempre foi a leitura. Passei oito dias lendo, deitado naquela rede, contemp lando as paisagens do rio São Francisco, e lendo coisas sobre a paisagem social, humana e econômica.

Quando Juraci entrou em Carinhanha, acompanhado pelo deputado Novais Filho, a conversa começou a girar em torno do problema da sucessão presidencial. Houve um episódio interessante, de que ainda me lembro até hoje.

[FINAL DA FITA 2-B]

J.K. – Nós tivemos notícia, a bordo desse navio, da renúncia do rei da Inglaterra, Eduardo VIII. Por amor, neste século em que ninguém acredita mais no poder de tal sentimento, o rei da Inglaterra renunciou ao trono, para ficar ao lado da mulher que amava. Foi objeto de muito comentário nosso, ali, debruçados no tombadilho do pequeno transporte fluvial.³⁴ Nesta viagem, Juraci começou um trabalho intenso a favor de José Américo. Dias depois, nós chegávamos; e eu conheci uma cidade que acho uma das mais pitorescas do Brasil: Bom Jesus da Lapa. Lá existe uma grande lapa, que a imaginação popular transformou numa verdadeira catedral, onde está entronizado Bom Jesus, que faz

³³ Participaram da excursão, entre outros, Otacílio Negrão de Lima, então prefeito de Belo Horizonte; Mário Matos, diretor da Imprensa Oficial; Israel Pinheiro, secretário da Agricultura, e os deputados Carlos Luz e Washington Pires. Getúlio Vargas queria que Bendito Valadares sondasse a posição de Juraci Magalhães, e que tentasse movê-lo de apoiar a candidatura de Armando de Sales, que queria ser candidato natural da oposição (meados de 1936).

³⁴ A notícia mais importante, nesta excursão, seria a da demissão do general João Gomes do Ministério da Guerra, substituído pelo general Dutra, que assumiu a pasta a 08 de dezembro de 1936. Góes Monteiro foi designado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

milagres de toda natureza. De longe, de todas as partes do Brasil, vêm peregrinos a pé, para pagar promessas de coisas que obtiveram com o bondoso Bom Jesus.

Ao chegar a Bom Jesus da Lapa, às seis horas da manhã, Benedito mandou chamar-me; eu ainda estava deitado. Vesti-me rapidamente e, à hora em que defrontei com a cidade, vi uma multidão na minha frente, aplaudindo os dois governadores. Benedito me disse: “Você vai responder, em nosso nome, à manifestação que estamos recebendo.”

3ª Entrevista: 06.07.1976

J.K. – Mal tive tempo de fazer o padre-nosso, e dirigi a saudação à população que, em torno do santuário de Bom Jesus, prestigiava aquele movimento. Eu me lembro de que, de Diamantina, distante de Bom Jesus da Lapa uns dois mil quilômetros, pessoas saíam a pé, para ir pagar promessas, porque tinham obtido tal ou qual graça.

Proseguimos a viagem e chegamos a Salvador. O que ficou acertado nesta excursão, entre os dois governadores, é que nenhum tomaria uma atitude política sem consultar previamente o outro. Já era uma aliança que Minas e Bahia faziam, no sentido de tentar caminhar com o mesmo candidato. Benedito tinha marcado um encontro com Armando de Sales Oliveira, no Rio de Janeiro. Armando de Sales viria ao Rio, segundo noticiavam os jornais, para comunicar ao presidente Getúlio Vargas que seria candidato à presidência da República e, por isso mesmo, de acordo com a Constituição em vigor, teria que renunciar ao cargo de governador do estado de São Paulo. Benedito lhe tinha feito um apelo, para que não tomasse esta deliberação antes de ter um entendimento com ele. Assim, combinaram um encontro no Rio de Janeiro, depois de nossa volta da Bahia.

Chegamos ao Rio e fomos para o Copacabana Palace Hotel, onde também estava hospedado Armando de Sales. Logo em seguida, promoveu-se o encontro dos dois. Mas, com grande decepção, ficamos sabendo que Armando de Sales não esperara Benedito, como o combinado; já havia estado com Getúlio e lhe comunicara que iria renunciar ao governo de São Paulo, porque era candidato. Não havia, pois, mais nenhuma chance de entendimento com ele; só poderia haver, simplesmente, uma adesão à sua candidatura. A impressão que guardei de Armando de Sales Oliveira foi a de um homem que tinha valor, mas um homem orgulhoso, de muita vaidade e que não tinha as qualidades políticas da

modéstia, que o aconselhariam a ficar mais compreensivo nos entendimentos que devia ter com os outros políticos da época. Tomava a decisão, marchava sozinho e acabou, como aconteceu depois, sozinho no páreo.

Benedito voltou do encontro com Armando de Sales profundamente decepcionado, mas com o brio do governador de Minas ferido, achando que não podia ter sido tratado da maneira como Armando de Sales o tratou. E tomou a deliberação de não apoiá-lo.³⁵

Começamos, então, a estudar outras posições. Nesta altura, o Catete já estava inteiramente envenenado com aqueles que trabalhavam para candidaturas à sucessão de Getúlio. Estava claro, nítido, que Getúlio, através de Agamenon Magalhães³⁶ e Chico Campos – Francisco Campos, que mais tarde seria o ministro da Justiça – estavam tramando de todo modo, contra todos aqueles que pretendiam prolongar a democracia, através de candidaturas que disputassem o próximo páreo nas eleições. Benedito sentiu a hostilidade de Getúlio, a hostilidade de Benjamin Vargas e ficou receoso. Nessa tarde, Benedito me disse: “Eu tenho que ir embora para Minas, porque não sei o que pode acontecer aqui no Rio de Janeiro, com a irritação que estou notando lá no Catete contra mim.” Viajou para Belo Horizonte.

Às seis horas da manhã, no Hotel Regina, onde eu morava, fui procurado por um elemento lá de Minas, o dr. Assis Figueiredo, que havia sido prefeito de Poços de Caldas. Era um engenheiro muito ilustre, e queria falar-me com urgência. Mande-o entrar imediatamente e ele me disse: “Eu ia para Belo Horizonte com o governador de Minas. Em Barbacena, ele me mandou voltar para procurá-lo e dizer-lhe que o senhor procure o dr. José Américo, e lhe transmita o recado de que Minas vai lançar sua candidatura à presidência da República.”

Eu fiquei meio perplexo com a notícia, porque sabia da influência que Getúlio exercia sobre Benedito. Temia muito que, passada a mágoa, Getúlio recuperasse Benedito para as suas tendências e este deixasse José Américo na mão. Saí imediatamente – eram sete horas da manhã – fui ao Hotel América, na rua do Catete, onde morava Pedro Aleixo, e

³⁵ Armando de Sales Oliveira renunciou ao governo de São Paulo a 29/12/36, para lançar-se candidato pelo Partido Constitucionalista. Sua candidatura foi oficializada a 24/04/37.

³⁶ Agamenon era, então, ministro do Trabalho. Com a renúncia de Vicente Rao, substitui-o interinamente na pasta da Justiça. Rao renunciara para apoiar Armando de Sales, em janeiro de 1937.

lhe contei o episódio: “Recebi este recado de Benedito e estou com esta incumbência, mas confesso que estou com receio de transmitir. Estou querendo deixar passar mais um pouco, para ver se Benedito está mesmo firme nesse propósito.” Mas Pedro Aleixo, que era um político muito sagaz, muito mais experiente do que eu, porque já era líder da maioria, já vinha de longos processos políticos, me disse: “Eu discordo da sua opinião. Acho que nós, que somos democratas, que estamos empenhados em que o processo democrático prossiga, devemos criar todas as dificuldades contra aqueles que querem o golpe ou qualquer outra solução. Você deve cumprir a sua missão imediatamente.”

Eu raciocinei e vi que Pedro estava certo. Na mesma hora, ali do gabinete, telefonamos para o deputado Abelardo Marinho, que era muito meu amigo, meu companheiro na Câmara e representante do estado do Ceará. Abelardo Marinho era muito amigo de José Américo. Disse-lhe a missão de que estava investido, que precisava ter um encontro urgente com José Américo, e que, se fosse possível a ele promover a entrevista no seu próprio apartamento, seria muito agradável. Abelardo Marinho telefonou dentro de pouco tempo, dizendo: “O encontro já está combinado para hoje, às cinco horas da tarde, porque ele tem vários outros compromissos.”

José Américo não sabia qual era o assunto que eu iria tratar com ele. Às cinco horas, cheguei ao apartamento de Abelardo Marinho, José Américo entrou logo em seguida e passamos a conversar. Era a primeira vez que eu o via de perto. Quando voltei da Europa, em 1930, depois da Revolução, embarcaram na Bahia, no mesmo navio em que eu vinha, todas as estrelas da grande constelação revolucionária do Nordeste. José Américo era uma delas; a outra era o vice-rei do Norte, Juarez Távora, que depois competiria comigo na eleição para presidente da República, e a terceira era Juraci Magalhães, que era um jovem tenente, na época, e que, logo em seguida, seria escolhido governador da Bahia.

Durante os quatro dias da viagem, José Américo permaneceu na sua discrição habitual; ao me aproximar dele, logo simpatizei, porque ele é um homem de bem, correto, tem só uma palavra. Impressiona por suas atitudes, sua inteligência e pela nitidez de suas declarações. E além de tudo, como intelectual, ele foi o homem que iniciou uma revolução na literatura do Nordeste, com o livro *A Bagaceira*. Eu já o admirava.

Minha conversa com ele foi muito fácil: “Dr. José Américo, venho com a missão de lhe comunicar que o senhor vai ser lançado candidato à presidência da República, pelo estado de Minas Gerais. Nas condições atuais da política brasileira, acredito que só isso basta para, desde logo, nós considerarmos a sua candidatura vitoriosa. Além do mais, ela será apoiada pelos elementos que o senhor conhece, grandes líderes, sobretudo pelo Nordeste. Acho que já estou conversando com o futuro presidente do Brasil. Mas eu tenho um assunto, dr. José Américo, que não estou absolutamente autorizado a tratar com o senhor, mas vou extrapolar um pouco e, por minha conta própria, vou abordá-lo. Trata-se do seguinte: na mesma ocasião da sua eleição, vai haver eleições para governador dos estados, e Benedito é muito cioso da sua autoridade, da sua liderança no estado de Minas Gerais. O candidato à sua sucessão tem que ser um homem indicado por ele, um homem dele, sem o que nós vamos ter problemas; é preciso que o senhor assuma o compromisso de apoiar esse candidato.”

José Américo disse: “Não posso intervir nesses problemas de política estadual; isso seria um nunca acabar de problemas que eu criaria para mim. Minha atitude será de absoluta discrição com relação a esses assuntos.” Eu insisti: “Este é um ponto de vista seu, ministro, mas eu considero errado, perdoe-me dizer-lhe, porque Minas está lançando sua candidatura e o governador de Minas merece uma consideração especial. Acho que o senhor deveria apoiá-lo, não no sentido de o senhor ir lá fazer campanha para o candidato ao governo de Minas, mas no sentido de fazer uma declaração de simpatia pelo candidato. E quero dizer-lhe mais uma coisa: algumas pessoas dizem que eu serei candidato, mas não é verdade. O candidato de Benedito – eu vou dizer logo quem é – é Israel Pinheiro;³⁷ por isso é que estou tocando no assunto com esse desembaraço e com essa liberdade.” Mas José Américo manteve o mesmo ponto de vista e não quis prosseguir nos entendimentos.

M.V. – Seu nome chegou a ser cogitado para suceder Benedito?

³⁷ Israel Pinheiro era, então, secretário de Agricultura de Minas Gerais. Só seria eleito governador do estado em 1966.

J.K. – Não; não foi cogitado. Mas lá em Minas, meus eleitores já davam vivas ao futuro governador. Nessa época, eu já tinha meu pequeno *entourage* ...

M.V. – ... que funcionou, não é?

J.K. – ... meu peleguismo. Confesso que não saí dali muito feliz. Se eu pudesse afirmar a Benedito o que disse a José Américo, daria muito mais firmeza e segurança à candidatura, mas ele não queria. Eu não tocaria nesse assunto com Benedito; não diria que propusera isso a José Américo, é claro.

M.V. – Todas essas *démarches*, o senhor fazia como secretário de Benedito, a quem o senhor ainda estava muito ligado, ou como deputado?

J.K. – Não, fazia como função de amigo pessoal.

M.V. – O senhor tinha deixado a secretaria de Benedito?

J.K. – Tinha. Eu era deputado federal. Mas era seu amigo mais íntimo, na época. Todas as missões de confiança de Benedito, ele dava a mim. Só não me deu uma, graças a Deus, exatamente porque ele me conhecia, e sabia que eu ia ficar contra o Estado Novo: foi aquela missão que ele deu a Negrão,³⁸ quando ele saiu pelo Brasil afora, como disse Chateaubriand, “naquele aviãozinho, levando o coche funerário da democracia.” [risos]

M.V. – A gente ri, mas foi uma tristeza.

J.K. – Foi uma tristeza terrível, nós vamos chegar lá.

Voltei para casa e não contei este trecho a Pedro Aleixo, porque ele podia ser candidato, e também não ficaria satisfeito.

No dia seguinte, às sete horas da manhã, Abelardo Marinho me telefonou: “José Américo quer falar com você. Ele vai aí ao hotel vê-lo.” Eu disse: “Aqui no meu hotel? Não é possível; eu sou novato em política, não vou receber a visita de um homem tão importante. Eu é que vou à casa dele.” Ele disse: “Não, ele faz questão de ir aí; às oito horas.”

Eu me vesti logo e fiquei à espera. Às oito horas, José Américo entrou no hotel. O pessoal todo passou a me olhar com muito respeito, a partir dessa hora. José Américo disse: “Eu vim aqui porque pensei muito sobre aquela parte da nossa conversa, quando o senhor me falou sobre a candidatura de Israel Pinheiro. Como falei, não quero intervir nas políticas estaduais, mas, de fato, Benedito tem uma responsabilidade maior do que qualquer outro na situação que se vai criar, porque é o homem que está lançando o meu nome. Assim, abrirei uma exceção e apoiarei seu candidato para o governo de Minas.” Eu falei: “Dr. José Américo, esta notícia é extremamente boa, porque vai consolidar mais esta aliança entre Benedito e o senhor. Isso é muito importante para nós levarmos à frente, porque o senhor há de compreender que, nesta altura, as conspirações já estão funcionando e o pessoal que está com o Getúlio vai fazer tudo para desmontar o esquema das candidaturas, para Getúlio continuar.”

Fui a Belo Horizonte, porque, nesse tempo, o telefone era um problema; não havia telefone. Fui conversar com Benedito, expus o assunto a ele, inclusive essa parte relativa ao candidato à sua sucessão; ficou tudo estabelecido.

Meses depois, foi lançada a candidatura de José Américo.³⁹ Benedito comunicou a Getúlio o lançamento da candidatura. É muito conhecida essa pilhéria, não sei se você se lembra. Getúlio pegou o telegrama, leu, deu para o ajudante-de-ordens e disse: “Isso é guampada de boi manso”; é uma expressão lá do Rio Grande do Sul.

Depois, quando veio mesmo a resposta de Benedito apoiando José Américo (ele ia fazer a convenção do lançamento da candidatura em Minas), os amigos foram perguntar a

³⁸ O então deputado Francisco Negrão de Lima parte nessa “missão secreta” a 27 de outubro de 1937.

Getúlio: “Como vamos nos conduzir nesta situação, sobretudo em face de Benedito?” Disse ele: “Vamos fingir de mortos.” E realmente fingiram, durante aquela fase. Mas continuaram num trabalho sem trégua.

Chico Campos trabalhava Benedito de uma maneira tremenda, contra José Américo. Em me lembro de que um dia, nós estávamos almoçando no Restaurante OK, em Copacabana: Benedito, Chico Campos, Negrão e eu. E Campos, fazendo uma campanha contra José Américo, uma coisa tremenda, para desmontar a candidatura de José Américo. E dizia a Benedito: “Olhe, Benedito, com José Américo eleito presidente da República, você não poderá nem passar na porta do Catete, você não vai ser recebido no Catete; ele é um homem louco.” Mas, você sabe, é aquilo que Hitler dizia: “Mentir, mentir sempre, que alguma coisa ficará.” Campos, naquele trabalho, um homem muito inteligente, era um sujeito formidável; foi fazendo aquele trabalho de demolição de José Américo junto a Benedito. Ao mesmo tempo, Agamenon fazia o trabalho de reaproximação com Benedito, levando novamente Benedito para Getúlio. Este trabalho demorou meses, mas foi muito eficiente, e teve a favor uma série de inabilidades políticas que ocorreram.

José Américo foi à Bahia, em campanha, e no navio em que ele viajava, entrou João Alberto, que era homem de Getúlio, olhado com muita suspeição pelo grupo de José Américo. Onde José Américo chegava, diziam: “João Alberto já veio aqui, para fazer confusão a favor de Getúlio.”

José Américo sempre teve um temperamento muito afirmativo, positivo. No discurso da Bahia,⁴⁰ ele fez uma referência, que foi o ponto crucial da campanha, e que desabou tudo, porque disse: “Os políticos querem abandonar-me, mas caminharei sozinho. Sozinho não, caminharei com o povo brasileiro.” Essa declaração foi um tiro em cima de todos os políticos que estavam apoiando sua candidatura. Eu estava em Diamantina, fazendo alistamento eleitoral, e ouvi o discurso pelo rádio. Quando terminou, pensei: “Está liquidada a candidatura do José Américo.”

No dia seguinte, peguei meu automóvel e vim embora para o Rio. Cheguei aqui e encontrei Benedito possesso com José Américo: “Deu uma declaração de despreço, de

³⁹ A candidatura de José Américo foi oficialmente lançada a 25 de maio de 1937, em convenção nacional no Palácio Monroe.

⁴⁰ José Américo partiu em campanha, na Bahia, de 22 de agosto a seis de setembro de 1937.

desconfiança em nós...” Na mesma hora, procurei José Américo e falei: “Dr. José Américo, o discurso da Bahia provocou uma reação muito desfavorável à sua candidatura. Vamos ver se provocamos um encontro com Benedito e o senhor esclarece alguma coisa para evitar o êxito no trabalho que está sendo feito do outro lado, para o desmoronamento das candidaturas.”

Fiquei então, pelejando para fazer um contato entre Benedito e José Américo. Falei com Rui Carneiro, que era deputado, muito amigo de José Américo: “Rui, vamos combinar este encontro com Benedito.” Rui falou com Benedito: “José Américo quer conversar com o senhor, e me pediu para vir aqui, para combinar.” Mas Rui, um deputado ilustre, já ficou horas esperando Benedito, que o deixou mofando na cadeira. Quando terminou, Benedito falou: “Vamos fazer o seguinte: eu passo na casa dele.” Era um processo que Benedito usava muito, com medo de o sujeito vir para onde ele estava, e ficar demorando muito na conversa. Ele ia à casa do camarada, falava duas palavras e saía.

À noite, por volta de dez horas, eu e Mário Matos, que também era muito amigo de Benedito, fomos com ele à casa de José Américo. Entramos e, como eu previa, a conversa não demorou mais que dois minutos; conversa seca, fria, gelada. José Américo disse que João Alberto tinha ido para fazer intrigas no meio da comitiva, para criar problemas para sua candidatura e ele fizera aquilo contra João Alberto. Mas Benedito não aceitou. No automóvel, eu disse a Benedito: “Último encontro seu com José Américo, não tenha dúvida; esse gelo não se desfaz mais.”

No dia seguinte, Agamenon já estava no hotel, articulando com Benedito. E Benedito tinha mais autoridade sobre Getúlio do que qualquer um: primeiro, era governador de Minas; segundo, não era ministro, que é um cargo dependente do presidente.

Levaram Benedito para conversar com Getúlio; e Getúlio disse a ele que estava numa situação muito difícil porque no Rio Grande do Sul estava o Flores da Cunha⁴¹ criando os maiores problemas para ele. E Getúlio sentia que, se deixasse o governo não poderia sequer ir ao Rio Grande do Sul; estava numa posição... Fez uma conversa de desalento muito bem feita, porque Getúlio era um homem inteligente. Benedito disse:

⁴¹ Flores da Cunha renunciou ao governo do Rio Grande do Sul (18/10/37) e o general Daltro Filho foi nomeado interventor.

“Olhe, presidente, eu, até agora, estou lutando pela candidatura do José Américo, pela realização de eleições; mas estou vendo que a coisa está ficando muito difícil mesmo. Resolvi que vou ficar com o senhor. Mas, para ficar com o senhor, precisamos agir imediatamente, senão seremos esmagados. Se é um negócio para agirmos e chegarmos até o fim, estou pronto para isso.”

Então, Getúlio disse: “Você tem carta branca para agir.” Disse Benedito: “Vou procurar o General Dutra, Ministro da Guerra, para ver qual é a sua reação.” Benedito se dava muito com o general Dutra.

Saiu dali e foi para a casa do general Dutra. Conversou com ele, que topou o golpe na mesma hora. Mas disse: “O ministro da Marinha está contra” – o boato já estava dono do Brasil: golpe, golpe... – “é preciso conversar com ele, porque ele acha que se deve respeitar a Constituição, caminhar para as eleições.” Aí disse Benedito: “Mas, general, o senhor é que tem que conversar com ele.” Dutra respondeu: “Não, só Getúlio é que pode conversar com ele; se eu conversar, não dará resultado, se o senhor conversar, tampouco. O senhor tem que botar isso na cabeça de Getúlio: ele tem que chamar o ministro e conversar com ele.”

Benedito foi imediatamente ao presidente, relatou o que ouvira do seu ministro da Guerra e a resposta do chefe do governo foi de acordo com o seu temperamento: “No próximo despacho com o almirante Henrique Guilhem” – que era o ministro da Marinha – “eu conversarei com ele.” O governador reagiu vivamente: “Mas, presidente, nós estamos conspirando, fazendo uma Revolução, e o senhor vai esperar cinco ou seis dias para conversar um assunto dessa importância, desta gravidade! O senhor tem que mandar chamar imediatamente o seu ministro e conversar com ele; do contrário, nós ficaremos na expectativa, durante vários dias, sem poder tomar nenhuma providência.”

Getúlio meditou um pouco, como era de seu feitio, chamou o ajudante-de-ordens, e deu instruções para que convocasse o ministro da Marinha. O resultado da conversa dos dois foi que ele, apesar das objeções, acabou concordando com o presidente; fechou-se, assim, o circuito militar: ministro da Guerra e ministro da Marinha. Não havia ainda o Ministério da Aeronáutica, naquela ocasião.

Benedito voltou para Belo Horizonte e começou a se organizar para o golpe de novembro. Vinha sempre ao Rio, conversava, articulava com todo o mundo. Uma tarde, eu chegava na Câmara – a Câmara já estava percebendo a atmosfera de golpe que dominava o país; havia uma verdadeira desolação, o plenário vazio –, Abelardo Marinho me procurou e disse: “Estive agora com o brigadeiro Eduardo Gomes e ele me relatou que o governo de Minas arrendou um avião por 180 contos, para mandar um emissário até Manaus, saltando em todas as capitais, com exceção de Pernambuco e Bahia. A pessoa que vai nesse avião é Negrão de Lima.”

Lembrei-me do que havia ocorrido na véspera. Eu estivera no Copacabana Palace Hotel, onde Valadares estava hospedado, e conversara muito tempo com Negrão, na sala de espera, enquanto Benedito atendia inúmeros políticos que lá estavam. Afinal, ele chamou Negrão e conversou muito tempo com ele. Mais ou menos às duas horas da madrugada, Negrão saiu e passou a conversar comigo e com três amigos; estávamos ali à espera dele.

Descemos para comer alguma coisa no bar do Copacabana e Negrão não disse nada, mas eu desconfiei que havia qualquer coisa no ar. Como eu era contra o golpe, e Benedito sabia disso melhor do que ninguém, ele passou a ser cauteloso nas informações que me dava. Negrão me substituiu nas confidências habituais com Benedito.

Passamos o dia na Câmara, numa expectativa ansiosa. Às seis horas da tarde, fui para o Hotel Luxor, em Copacabana, onde passei a residir, e encontrei a senhora do Negrão, d. Ema, à minha espera. Ela disse: “Eu vim aqui a mando de Negrão; ele me disse que aquele assunto está muito mais avançado do que se pode pensar e que você está conversando demais, contra os propósitos que estão dominando as esferas governamentais. Mandou pedir que você tenha prudência, cautela e espere a volta dele do Norte.” Eu vi logo do que se tratava: Negrão tinha ido dizer aos governadores dos estados que o golpe ia ser dado, que eles continuariam como interventores nos seus respectivos estados e que recebessem a notícia com cautela, com prudência, sem nenhuma preocupação. Só não falou com os dois que, fiéis à candidatura de José Américo – Juraci e Lima Cavalcanti –, não aceitariam o Estado Novo.

Eu aguardei durante seis dias; os jornais todos denunciaram a viagem de Negrão: “Chegou em Manaus”... “Chegou em Belém”... “Chegou em São Luís”... E assim

sucesivamente, até que voltou para o Rio de Janeiro. Na mesma noite, nós tivemos uma longa conversa. Ele me relatou as conversas que tivera com os governadores. Nenhum reagiu, nenhum relutou; todos concordaram com o golpe, desde que ficassem nos seus respectivos postos.

No dia seguinte – isto ocorreu mais ou menos nos primeiros dias de novembro de 1937 –, eu segui para Belo Horizonte e vi que a minha missão como deputado estava terminada. O Congresso ia ser fechado, não adiantava mais eu permanecer no Rio.

M. V. – E a aprovação da Lei de Segurança Nacional pelo Congresso, não foi crucial para a preparação de todo o golpe?

J.K. – Foi. Góis Monteiro teve muita atuação na aprovação desta lei, que foi uma espécie de consequência do golpe de novembro de 1935. O receio do comunismo, a violência praticada naquela madrugada de novembro de 1935, tudo isso preparou perfeitamente os militares, sobretudo o governo, para o que iria acontecer; e surgiu, então, o famoso Plano Cohen, que hoje já foi desvendado e todo mundo sabe como ele foi urdido.

O major Mourão – que depois se transformou em general Olímpio Mourão Filho e foi um dos chefes da Revolução de 1964, como comandante das tropas federais de Juiz de Fora – apresentou ao ministro da Guerra, Góis Monteiro, um plano que ficou designado com o nome de Plano Cohen. Era um plano dos comunistas, destinado a derrubar o governo e a implantar aqui o regime comunista. Góis Monteiro aceitou aquilo como verdade; chamou os líderes do Congresso e prepararam a Lei de Segurança, visando dar ao governo instrumento, segurança, tudo o que fosse necessário para esmagar qualquer tentativa. Daí nasceu a Lei de Segurança que depois se transformou num instrumento admirável para o governo dar o golpe para sua própria permanência.

Mas, como eu lhe dizia, segui para Belo Horizonte. Ao chegar na capital mineira – os deputados tinham, no seu carro, uma plaquinha com as cores nacionais, escrito: Congresso Nacional –, mandei retirar a plaquinha. Causou um pouco de estranheza e os jornais noticiaram, dando àquilo uma significação... A opinião pública estava muito

sensível; qualquer sintoma era logo interpretado, divulgado. E aquele foi interpretado e divulgado como uma convicção minha, pois eles acreditavam, pelas minhas relações com Benedito Valadares, que o golpe estava para chegar.

Eu me apresentei no Hospital Militar e voltei a freqüentá-lo normalmente. Meu consultório continuava montado, até meu avental estava pendurado no armariozinho do consultório. Refiz tudo, e fiquei esperando o dia 15 de novembro.

Mas, no dia 10 de novembro, eu estava no Hospital Militar, quando chegou o comandante do Serviço de Saúde, que era o coronel Góis, e me disse: “Coisa curiosa; eu passei às três horas da manhã em frente ao Estado-Maior da Polícia, e estava tudo iluminado, eles estavam trabalhando. Eu não sei o que terá havido.” Eu percebi logo que estavam organizando já as providências, as medidas, destinadas ao golpe.

Saí do Hospital às dez horas da manhã do dia 10 de novembro, e fui imediatamente ao palácio. Com a liberdade que tinha, as portas nunca foram fechadas para mim. Tomei o elevador, subi e entrei no gabinete do governador. Assim que ele me viu, me recebeu assim: “Oh! Ex-deputado, como vai?” Eu disse: “Já deram o golpe?” Ele respondeu: “O assunto já está liquidado.”

Assim fiquei sabendo que, naquela madrugada, o governo havia antecipado o golpe porque Armando de Sales, candidato às eleições, tentara uma manobra: imprimira uma série de boletins avulsos e fizera distribuir pelos quartéis, alertando os militares contra os propósitos do governo de dar o golpe.⁴² E este, que estava marcado para o dia 15, foi antecipado para o dia 10, por causa desta medida de Armando de Sales.

Conversamos ali algum tempo, voltei para o hospital, dei a notícia aos meus companheiros e fui para casa almoçar. Às duas horas da tarde, eu entrava no meu consultório de novo, colocava o avental e pensava comigo mesmo: “Está terminada a minha aventura política, jamais entrarei em política, daqui para diante; vou só cuidar da minha profissão. Felizmente, ainda estou na idade de recuperar, ressuscitar toda a minha clientela.

⁴² Não eram boletins, era um manifesto, lido na Câmara e no Senado, respectivamente, por João Carlos Machado e Paulo de Moraes e Barros.

Se voltasse à política e demorasse mais algum tempo, perderia esta oportunidade. Está encerrada a minha aventura política; doravante, serei apenas médico.”⁴³

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁴³ Estas foram as últimas palavras de JK para esta entrevista, a 06 de julho de 1976. JK faleceu a 22 de agosto do mesmo ano, não sendo possível, pois, terminar o depoimento.